

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

PAULA CRISTINA DA COSTA SILVA

MEMORIAL DE CARREIRA

**UMA PAULISTANA EM TERRAS CAPIXABAS: LUTA,
TRABALHO E DEDICAÇÃO À DOCÊNCIA**

VITÓRIA

2024

PAULA CRISTINA DA COSTA SILVA

MEMORIAL DE CARREIRA

UMA PAULISTANA EM TERRAS CAPIXABAS: LUTA, TRABALHO E DEDICAÇÃO À DOCÊNCIA

Memorial apresentado à Comissão Especial para avaliação de desempenho, como requisito obrigatório para obtenção de acesso à Classe E, com denominação de Professora Titular da Carreira do Magistério Superior.

Comissão Especial:

Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Presidente

Prof^a. Dr^a. Simone Recchia
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof^o. Dr. Tarcísio Mauro Vago
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

VITÓRIA

2024

IDENTIFICAÇÃO DOCENTE:

Paula Cristina da Costa Silva

Departamento de Ginástica/Centro de Educação Física e Desportos

Matrícula: 1680855

Área/Subárea (CNPQ): Ciências da Saúde/Educação Física Regime de Trabalho: 40 horas/Dedicação Exclusiva

Classe Nível D – Associado IV

Data da última progressão: 26/01/2022

Progressão pretendida: Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

Paula Cristina da Costa Silva

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, Izaque da Silva Neto e Eliza da Costa Silva, que nunca mediram esforços para me proporcionar uma educação de qualidade. Sem eles jamais seria quem sou.

Agradeço a todo(a)s o(a)s colegas do Departamento de Ginástica com os quais compartilhei muitos momentos de trabalho, diversão, divergência e convergência em debates e junto(a)s vimos construindo um Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) com educação humanística e de qualidade.

Agradeço também à equipe da Pró-reitoria de extensão que, durante os anos de 2021 a 2024, apoiaram irrestritamente meu trabalho, em especial, agradeço ao Prof. Dr. Renato Rodrigues Neto e à equipe da Diretoria de Esporte e Lazer, Rubia Delboni de Oliveira e Jefferson Muniz Tonini.

Obrigada aos companheiros do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) que vêm contribuindo com a área de Educação Física e Ciências do Esporte desde 1978.

Agradeço também à banca examinadora Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva, Profa. Dra. Simone Rechia e Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago.

Por fim, muito obrigada a todo(a)s o(a)s estudantes com quem pude conviver ao longo da minha carreira, ele(a)s sempre foram a grande motivação para seguir em frente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A REALIZAÇÃO DO SONHO: CURSAR UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA...8	8
1.1 A GRADUAÇÃO E OS ANOS INESQUECÍVEIS NA UNICAMP	9
1.2 O BERIMBAU ME CHAMOU... ..	14
1.3 O MESTRADO E OS IMPACTOS NA MINHA VIDA PROFISSIONAL	16
1.4 A VIDA DE ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO E DE DOUTORADO	23
2 NAS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ, NOVAS PERSPECTIVAS ...	30
2.1 O ENSINO-APRENDIZADO DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DIFERENTES CONTEXTOS, NOVAS POSSIBILIDADES	30
2.2 EDUCAÇÃO INTEGRAL E SUAS FASES DE IMPLANTAÇÃO NO BRASIL: APRENDIZADOS EM DOIS MOMENTOS DISTINTOS.....	34
2.3 O COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE) E SUA IMPORTÂNCIA NA MINHA CONSTITUIÇÃO COMO PESQUISADORA E GESTORA.....	37
2.4 O PÓS-DOUTORAMENTO (<i>PÓS-DOC</i>) E MEU DESEJO DE SER PROFESSORA DE PÓS-GRADUAÇÃO	40
2.5 FINALMENTE, SOU UMA PROFESSORA DE PÓS-GRADUAÇÃO <i>STRICTU SENSU</i>	42
3 GINASTICANDO... A RELEVÂNCIA DA GINÁSTICA COMO ALICERCE DAS MINHAS AÇÕES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	46
3.1 POSSIBILIDADES DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL PARA OS ESTUDANTES POR MEIO DA GINÁSTICA	52
3.2 O LABORATÓRIO DE GINÁSTICA E PRÁTICAS CORPORAIS	54
3.3 PARCERIAS E REALIZAÇÕES	54
4 OS ESTUDOS DO LAZER E SUA PRESENÇA CONSTANTE NA MINHA CARREIRA	59
4.1. PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA, UM NOVO DESAFIO PROFISSIONAL	60
4.2. A DIRETORIA DE ESPORTE E LAZER DA UFES	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
6 REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

“O real não está no início nem no fim, ele se dispõe pra gente é no meio da travessia”

José Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas

Esse memorial narra um pouco do caminho profissional que trilhei até esse momento em que pleiteio o cargo de professora titular do Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES).

Ele está organizado em seis capítulos sendo que, primeiramente, discorro sobre a escolha da Educação Física como área de trabalho, com minha entrada na Faculdade de Educação Física, da Universidade Estadual de Campinas (FEF/Unicamp), em Campinas/SP, realizando minha primeira formação. Então, passo a narrar sobre minha inserção no mercado de trabalho e assim encerro o primeiro capítulo, descrevendo e refletindo sobre a realização da pós-graduação e de uma segunda graduação e como esse período me impactou profissionalmente.

No segundo capítulo, inicio a descrição de minha trajetória profissional no Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), localizada na cidade de Vitória/ES. Essa narrativa parte do princípio da liberdade de cátedra, na qual realizei inúmeras ações ao longo dos últimos 16 anos. Essa descrição está dividida em três eixos complementares, em forma de capítulos, que seguem a ordem cronológica própria de cada um, apresentando as atividades acadêmicas desempenhadas e interrelacionando ensino, pesquisa e extensão.

O primeiro eixo, capítulo dois, tem como foco principal a descrição de ações empreendidas em torno do curso de Licenciatura do CEFD/UFES e, também trata de meu envolvimento com o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e as repercussões trazidas por essa inserção em minha carreira. Logo depois, descrevo minha participação nos projetos dedicados à Educação de Tempo Integral (ETI) em dois momentos históricos diferentes. E, por fim, apresento o processo de escolha de tema do meu pós-doutoramento e finalizo tratando da minha entrada como professora de pós-graduação no Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF).

O segundo eixo, capítulo terceiro, trata das minhas experiências em torno das aulas, pesquisas e projetos relacionados às modalidades gímnicas que fortaleceram minhas ações como docente do CEFD/UFES, dando origem ao meu laboratório de pesquisa, o Labgin.

Finalmente, o terceiro eixo, capítulo quarto, aborda minha atuação no campo do lazer, ministrando disciplinas voltadas para o tema, projetos de ensino, pesquisa e extensão, bem como minha atuação como Diretora de esporte e lazer da PROEX/UFES.

Nas considerações finais, realizo um balanço da trajetória profissional narrada e discorro um pouco sobre as novas possibilidades que se abrem a partir da carreira de professora titular.

1. A REALIZAÇÃO DO SONHO: CURSAR UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Minha escolha por fazer o curso de Educação Física se deu a partir do desejo de ser professora, mas não uma de sala de aula, pois mesmo adolescente já havia percebido que a educação poderia ser vivenciada e elaborada pelo e por meio do movimento. Anos mais tarde, na graduação, soube que existiam conceituações acerca do movimento corporal e adotei como referência, na época da pós-graduação, aquela que mais traduzia o entendimento que eu tinha de movimento humano, dando-lhe sentido e significado, que é o de cultura corporal. Ela é entendida como:

[...] formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (Soares et. al, 2009, p.38).

Feita essa observação, me lembro que as aulas na Educação Básica, as mais atraentes e proveitosas, eram aquelas nas quais o movimento se fazia presente, por exemplo, aulas de Ciências que podíamos ir ao laboratório fazer experimentos; aulas de Educação Artística que abordavam dramatizações e, claro, as de Educação Física que eram movimento do início ao fim. Eu gostava de fazer “Física” como chamavam essa disciplina no antigo Ensino de primeiro grau (hoje denominado Ensino Fundamental I), adorava os jogos e danças das primeiras séries. Na 6ª série mudei de escola e a febre era o voleibol¹, era uma “monocultura esportiva” e não tinha outro conteúdo abordado pelos professores. As aulas se restringiam aos exercícios ginásticos (corridas, abdominais, polichinelos) e ao aprendizado do voleibol para selecionar o(a)s melhores aluno(a)s para o time da escola. Não sei se para o bem ou para o mal, eu fui uma das jogadoras do time de voleibol. Eu era reserva, mas fiz parte daquela “panelinha”. Amava acompanhar o time de vôlei nos campeonatos, às vezes nem jogava, mas eu estava lá, me sentia parte daquela comunidade escolar. Era por meio do voleibol que nos socializávamos e grande parte do que era realizado na escola tinha relação com os times de vôlei, como as rifas para compra de uniformes e festinhas com venda de comida para arrecadar dinheiro para as competições fora da cidade. E a professora, a Zezé (não sei o nome dela, infelizmente, pois sempre a chamávamos assim), era a personificação de um general, treinadora no estilo

¹ Vale mencionar que nas décadas de 1980 e 1990 as seleções masculina e feminina de voleibol do Brasil eram de grande destaque. A seleção masculina chamada "Geração de Prata" conquistou a medalha de prata nas Olimpíadas de Los Angeles em 1984. Já a seleção feminina nos anos 1980, esteve no pódio quatro vezes, incluindo o 2º lugar no Mundialito de 1982. Nos anos 1990, esteve no pódio cinco vezes, com o destaque do vice-campeonato Mundial de 1994 e a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de 1996. Informações da wikipedia [Seleção Brasileira de Voleibol Masculino – Wikipédia, a enciclopédia livre](#) e MARQUES JÚNIOR, Nelson Kautzner. Breve história do voleibol brasileiro e a contribuição da educação física para esse esporte – anos 90. **Revista Edu-física.com Ciências Aplicadas al Deporte** (eletrônica), v. 13, n. 28, p. 30 – 47, 2021. Disponível em: <http://revistas.ut.edu.co/index.php/edufisica>. Acesso em 11 nov. 2024.

“Bernardinho”, que colocava todas as meninas da equipe “na linha”. Naquela idade, em torno dos 12 anos, a ingenuidade não me fazia importar com atitudes autoritárias, afinal os tempos eram de ditadura militar e a sociedade brasileira sofria endemicamente com esse mal.

No colegial (atual Ensino Médio) praticamente não fiz Educação Física porque comecei a trabalhar cedo, com 14 anos, pois desejava minha independência financeira. E como estudava à noite, e na lei havia a prerrogativa da trabalhadora não ser obrigada a fazer a disciplina de Educação Física, optei por não fazer as aulas. Até porque eu trabalhava e estudava o dia todo, de segunda a sexta, na Avenida Paulista, morando na periferia de São Paulo e gastando muito tempo no transporte público. Aos sábados pela manhã fazia aulas de reforço de Matemática (disciplina que sempre tive dificuldades) para me preparar para o vestibular e assim, não tinha tempo e disposição para as aulas de Educação Física, que não eram atraentes e nem promoviam uma socialização tão grande como as do primeiro grau.

Mas a febre do voleibol ainda não havia passado no Brasil. Eu adorava jogar voleibol na rua aos sábados à tarde e domingos com a turminha do bairro. Nesse sentido, tive uma infância na qual era possível brincar na rua e isso me motivava a jogar e brincar com as amigas, uma vez que sempre morei na mesma casa (meus pais moram nessa casa até hoje), o grupo de amiga(o)s de infância permaneceu o mesmo durante toda a adolescência. Foram todas essas vivências voltadas para o movimento corporal que me inspiraram a escolher a Educação Física como área de trabalho.

1.1. A GRADUAÇÃO E OS ANOS INESQUECÍVEIS NA UNICAMP

Após concluir o Colegial (ou 2º grau como era chamado o Ensino Médio), em 1989, e fazer um ano de cursinho pré-vestibular, finalmente consegui entrar no curso de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/Unicamp) em 1991. Minha principal expectativa sobre a universidade pública era a de conseguir realizar um curso de forma gratuita, mas quando conheci a Unicamp posso afirmar que essa experiência foi além do que somente a gratuidade do ensino. Minha primeira impressão foi impactante. Aquela infraestrutura maravilhosa, com quadras, salas de aula, piscina, ginásio, restaurante universitário (o famoso “bandejão”), moradia estudantil, professores qualificados (a maioria deles era autores de livros - eu nunca tinha conhecido um autor de livro!). Até hoje consigo sentir o que era estar ali, naquele momento, com 19 anos de idade e muitos sonhos a serem realizados. Cursar Educação Física na Unicamp foi muito importante para mim, pois para além da realização do sonho pessoal, também se constituiu a realização de um sonho familiar, pois fui a primeira da família a cursar o ensino superior. Sou primogênita de um pernambucano que foi para São Paulo na década de 1960 em busca de uma vida melhor e de uma dona de casa com pouca escolaridade. Alcançar uma vaga na tão disputada Unicamp foi uma conquista sem precedentes para todos nós.

Quando passei no vestibular eu morava na periferia de São Paulo e me mudar para outra cidade (no caso, Campinas/SP) significava gastos que na época não poderiam ser arcados por meu pai, que era o provedor da família. Entretanto, ele fez um esforço financeiro e assumiu as despesas do primeiro semestre para eu cursar a faculdade - uma aposta única à qual eu deveria honrar. E honrei, pois no semestre seguinte permaneci firme nos estudos e já havia concorrido e conquistado todos os editais de auxílio financeiro que a Unicamp naquele ano oferecia, que eram o de moradia estudantil, auxílio-alimentação e bolsa de apoio permanência. Durante os cinco anos em que estive na universidade sempre me vali das ajudas de custo e bolsas, pois meu pai não tinha condições de manter uma filha estudando fora e sustentar minhas duas irmãs e minha mãe, mesmo eu cursando uma universidade pública e gratuita. A partir dessa experiência posso afirmar que são os auxílios financeiros que proporcionam a possibilidade do(a)s estudantes de baixa renda se manterem nos cursos: sou prova disso. Fico satisfeita em saber que hoje a maioria das universidades tem aderido a este sistema de apoio aos aluno(a)s.

Vale mencionar que viver a universidade plenamente, em um curso de carga horária integral, foi determinante para eu desejar seguir a carreira acadêmica. A liberdade de expressão, o contato com os diferentes conhecimentos, com pessoas de várias partes do Brasil, com pensamentos divergentes debatendo assuntos contemporâneos, em um momento em que ainda vivíamos a abertura democrática, me marcaram profundamente. O ambiente universitário me deixou deslumbrada e os primeiros anos vivendo a Unicamp, ocupando a moradia estudantil e descobrindo um “novo mundo” fizeram com que eu me despertasse à vida intelectual, mesmo ainda sendo uma pessoa com inúmeras coisas a descobrir e a viver.

Reconheço que não fui uma estudante exemplar, com notas altas, pois minha ânsia em viver tudo que era oferecido na universidade, muitas vezes, ocupava um tempo de dedicação aos estudos. Viver plenamente a universidade significava participar das festas promovidas pelos centros acadêmicos, como as festas memoráveis do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), as festas no teatro de arena do ciclo básico, as festas juninas da Agronomia, os jogos interclasses e intercursos na FEF, participar da Empresa Júnior “Tempo lúdico”, ir às palestras, peças de teatro, shows, namorar, fazer amizades (que duram até hoje), viajar para congressos, participar do movimento estudantil, frequentar o bandejão, vender brigadeiro na moradia estudantil para complementar a renda, fazer “bicos” com recreação, visitar a família em São Paulo, tudo isso fazia parte da minha rotina dos 19 aos 25 anos. Viver a universidade plenamente era me tornar gente grande, adulta. Não me arrependo de ter reprovado em “Bases biológicas do movimento humano”, em ter trancado a disciplina de “Fisiologia humana” por duas vezes aguardando a mudança de metodologia do professor (que mudou para minha sorte na terceira tentativa em cursá-la) e, até hoje, me divirto relembando as aulas com a turma

91² que fazia com que algumas delas se tornassem mais leves. Enfim, foram muitas histórias em cinco anos vividos intensamente na universidade.

Embora eu tenha entrado na FEF/Unicamp com o desejo de me tornar professora, houve fatores que fizeram com que eu mudasse o rumo dessa decisão inicial. Na década de 1990 a Educação Física brasileira estava em efervescência e havia debates acalorados na área sobre novas metodologias de ensino e concepções acerca do que ela seria e como poderia ser conceituada e pensada na sociedade brasileira (que havia saído há poucos anos de um regime ditatorial militar).

Um dos epicentros das discussões sobre a Educação Física era a própria FEF/Unicamp, uma faculdade nova, fundada em 1985. Era nesse local que João Batista Freire, Lino Castellani Filho, Carmen Lúcia Soares, Jocimar Daólio, Wagner Wey Moreira, grandes intelectuais da Educação Física trabalhavam. Vale mencionar que nessa época havia poucos cursos de pós-graduação em Educação Física e nesse caso, vários pesquisadores influentes se tornaram mestres e doutores no curso de pós-graduação da FEF/Unicamp. Toda essa atmosfera deixava a nós, aluno(a)s de graduação, bastante motivado(a)s em compreender novas concepções de Educação Física, mas, ao mesmo tempo, ficávamos confuso(a)s quanto aos caminhos a trilhar no início de carreira na Educação Física escolar. Para mim, eram tantas variáveis possíveis que eu não conseguia me identificar com nenhuma delas. Era uma incerteza tremenda, o que, conseqüentemente, me fez afastar da Educação Física escolar dada a complexidade que ela apresentava naquele período histórico³.

Em meio a tantas opções e nenhuma certeza na qual se apoiar, decidi junto com alguns colegas de turma cursar o Bacharelado em Recreação e Lazer, do curso de Educação Física. Vale mencionar que, além do apoio do(a)s colegas, o corpo docente desse curso era bastante qualificado e me chamava a atenção ele ser composto por professores de educação física, mas também por professores de outras áreas das ciências humanas, em especial, a sociologia.

Logo aprendi que o fenômeno do Lazer transcendia as discussões da Educação Física e, nesse sentido, fazia com que eu notasse um campo de atuação maior. Tratava-se de um curso pioneiro e os professores que nele atuavam nos convenceram que o “mercado de trabalho” carecia de bacharéis em recreação e lazer para atuar na gestão de projetos e nas políticas públicas para essa área. Hoje eu vejo que eles não estavam totalmente equivocados, mas também não posso afirmar que o que eles diziam estava completamente correto. Analisando a situação na qual estou inserida, como docente de um curso de Educação Física, atuando também com disciplinas e projetos de pesquisa e extensão voltados para o lazer, vejo que até hoje o “mercado de trabalho” tem a necessidade de

² Até hoje na FEF/Unicamp as turmas de graduação são nomeadas pelo(a)s estudantes referindo-se ao ano de ingresso, nesse caso, como entrei na graduação em 1991, a minha turma era a 91.

³ Recomendo a leitura do artigo de Pires; Silveira (2007) que debatem os diferentes contextos sociais e as mudanças que a Educação Física brasileira passou nas décadas de 1970, 1980 e 1990, estabelecendo o que foi denominado “Educação Física progressista” como contraponto à Educação Física tradicional influenciada pelos movimentos higienista, militar e esportivo.

profissionais do campo da Educação Física para atuar com o Lazer, mas sua inserção não é tão simples e imediata. Há opções de trabalho na área de empreendimentos privados de lazer, mas ainda não se criou uma cultura em compreender que os formados em Educação Física podem também atuar na gestão desses locais. Há também uma carência de profissionais de educação física para atuar com as políticas públicas de esporte e lazer, contudo a sociedade brasileira ainda não se deu conta que eles podem desenvolver esse trabalho. Embora reconheça que essas reflexões possam ser relativizadas, especialmente quando se compara a formação inicial oferecida pelas universidades públicas brasileiras com aquela oferecida pelas particulares, pois há, nesse caso, uma grande diferença entre a qualidade de ensino de cada uma delas.

A escolha por cursar o bacharelado em Recreação e Lazer me trouxe a oportunidade de ampliar meu olhar para os estudos do lazer e compreender melhor as conceituações sobre trabalho, tempo livre, tempo disponível, interesses culturais do lazer (Dumazedier, 1980, Camargo, 1992). Estudar mais sobre esses temas foi um incentivo para que em 1994, eu pudesse fazer uma iniciação científica pautada em uma das experiências mais marcantes que tive na graduação e que reverbera até hoje na minha atuação profissional, que foi o Projeto de Extensão “(Recre)ação comunitária”, coordenado pelo Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino.

Esse projeto de extensão ocorreu entre os anos de 1993 e 1995, o que fez com que eu permanesse um ano a mais na graduação. Foi por meio dele que comecei a compreender a importância da extensão universitária e o “famoso tripé” ensino-pesquisa-extensão. O primeiro contato com a metodologia de ação comunitária ocorreu em três disciplinas, a saber: Lazer e Sociedade, no segundo semestre de 1993; e o projeto piloto viabilizou-se dentro das disciplinas Tópicos Especiais em Recreação e Lazer I e II, no ano de 1994, com o atendimento de dois bairros de Campinas/ SP, a Vila 31 de março e Vila Costa e Silva.

Nossa equipe de trabalho era composta pelo coordenador do projeto e por acadêmico(a)s do curso de bacharelado, em torno de nove. No início das ações, contávamos com o apoio da Prefeitura Municipal de Campinas, mas no decorrer do tempo esse apoio foi interrompido e passamos a contar com a ajuda das escolas localizadas nas comunidades e projetos sociais locais atuantes.

Todo o trabalho desenvolvido foi registrado resultando nos seguintes trabalhos de conclusão de curso e relatórios de pesquisa:

DESTEFANI, Andreia. **Lazer e ação comunitária**: a operacionalização do processo de viabilização de um resultado-resposta. Trabalho de Conclusão de curso em Educação Física, modalidade Bacharelado em Recreação e lazer. UNICAMP: Faculdade de Educação Física, 1995.

FORTE, Carlos A. **Lazer e ação comunitária**: análise da implantação do "projeto recreação comunitária" na Vila Costa e Silva em Campinas/SP. UNICAMP: Faculdade de Educação Física – Relatório PIBIC, 1995/6.

GRILLO, Maria de Fátima S. **Lazer e ação comunitária**: a operacionalização do processo de viabilização de um resultado-reflexo: um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de curso em Educação Física, modalidade Bacharelado em Recreação e lazer. UNICAMP: Faculdade de Educação Física, 1995.

PAIVA, José Luiz de. **Lazer e ação comunitária**: a operacionalização da fase de deflagração: um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de curso em Educação Física, modalidade Bacharelado em Recreação e lazer. UNICAMP: Faculdade de Educação Física, 1995.

PEREIRA, Cristiane. **Lazer e ação comunitária**: a operacionalização do processo de extensão de ações a partir do local de deflagração -Um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de curso em Educação Física, modalidade Bacharelado em Recreação e lazer. UNICAMP: Faculdade de Educação Física, 1995.

E dentre esses, a minha iniciação científica, que foi viabilizada com uma bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP), sob orientação do Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino e que resultou em meu trabalho de conclusão de curso (TCC), a saber:

SILVA, Paula Cristina da Costa. **Lazer e ação comunitária**: o processo de reciclagem de animadores culturais profissionais. Trabalho de Conclusão de curso em Educação Física, modalidade Bacharelado em Recreação e lazer. UNICAMP: Faculdade de Educação Física, 1995.

O TCC abordou o envolvimento dos animadores culturais profissionais que atuaram no processo de ação comunitária no período em que a Prefeitura Municipal de Campinas cedia seus profissionais para trabalharem nos eventos promovidos pelo projeto de extensão. Foi constatado que devido à baixa participação desses não ocorreu o processo de “reciclagem” que seria caracterizado como a participação desses profissionais no curso de capacitação para a ação comunitária e no envolvimento com a comunidade. Constatou-se que a informalidade na contratação desses profissionais, que não eram especialistas da área do lazer, em sua maioria, comprometia o atendimento ao público e a seriedade na realização dos eventos promovidos, tanto pela prefeitura quanto pelo projeto de ação comunitária. Os servidores da prefeitura atuavam nos eventos aos finais de semana em troca de horas extras e compunham um quadro heterogêneo de profissionais que eram das áreas de Educação, Saúde, Turismo e do setor de Recreação (somente uma profissional). A formação deles variava do ensino fundamental incompleto ao ensino superior completo e a exigência feita para que atuassem era a de “gostar de crianças” e ter disponibilidade aos finais de semana.

No TCC eu já afirmava que a realidade do mercado de trabalho ainda não percebia o potencial do profissional de Educação Física para o campo do lazer. Porém essa falta de reconhecimento se dava, em certa medida, pela sua atuação direcionada majoritariamente ao interesse cultural físico-esportivo do lazer, que embora fosse muito mobilizador das comunidades, não era reconhecido como um vetor de liderança no campo da gestão.

Foi com toda essa vivência acadêmica que me formei em 1995, desperiodizada, mas cercada de colegas e amiga(o)s que toparam o desafio de aprender “além dos muros da universidade” e assim, me encantei com a extensão universitária.

Embora meu TCC tenha sido muito elogiado, o processo de escrita, naquele período da minha vida, com 25 anos, foi extremamente sofrido. O meu ex-orientador, que é até hoje referência no campo dos estudos do lazer, passava por um momento difícil, com uma doença mental que comprometia o relacionamento entre ele e os membros da equipe de Recreação comunitária, e esse fato fez com que eu não me animasse em fazer o mestrado sob sua orientação. Assim, minha opção, após me formar, foi me dedicar a algo que já fazia desde o início de minha graduação, que era o trabalho como recreacionista em hotéis, colônia de férias, acampamentos infantis e festas comemorativas (aniversários, Páscoa, Natal).

Entretanto, o desenrolar da vida nos prega algumas peças...

Atuando como recreacionista comecei a prestar serviços como *free lancer* em um hotel na cidade de Águas de Santa Bárbara/SP, interior paulista, o Vale das Águas. Nesse local o coordenador da recreação era o Mestre Tulé, mestre de capoeira, que além de trabalhar com recreação, também ministrava aulas de capoeira no Instituto de Artes da Unicamp (IA/Unicamp), como professor convidado.

Eu havia feito poucas vivências dessa manifestação cultural anteriormente e, no hotel, tive a oportunidade de fazer uma aula e ver algumas apresentações artísticas nas quais o mestre performava a Capoeira junto com as bandas convidadas que tocavam nos bailes de sábados à noite. Eu fiquei fascinada com a Capoeira, seus gestos, a musicalidade e... pelo mestre.

Mestre Tulé, cujo nome de registro civil é José Antônio da Silva, se tornou mestre pelo trabalho que desenvolveu durante muitos anos na periferia de Campinas/SP. Hoje o bairro Jardim São José, nas imediações do Jardim Santa Cruz, tem uma rua chamada Vicente Ferreira Pastinha, em homenagem ao Mestre Pastinha, fundador da Capoeira Angola. Foi nessa rua que ele tinha sua academia e atendia gratuitamente as crianças daquela comunidade periférica.

Tulé e eu começamos a namorar em 1996 e ficamos juntos até 2009. Foram 14 anos de cumplicidade e de reflexões acerca da Capoeira e seu papel na Educação Física. Sou muito grata ao mestre e meu ex-companheiro, ele foi minha inspiração e me ajudou a me tornar a pessoa e a profissional que sou hoje.

1.2. O BERIMBAU ME CHAMOU...

O som do berimbau na porta da casa C10, da Moradia Estudantil da Unicamp, nos anos de 1994, não era o som mais desejado por mim e minhas colegas que ali moravam. Éramos

cinco moradoras: eu, Maria de Fátima Santos Grillo, Andréia Destefani, Luciana Maia e Alessandra Valverde, todas da turma 91, de Educação Física da Unicamp. Com exceção da Alessandra, todas nós decidimos cursar o Bacharelado em Recreação e Lazer. Portanto, éramos um grupo de amigas que frequentavam o mesmo curso, moravam na mesma casa e nutriam a mesma ojeriza ao som do berimbau do Centro de Convivência em frente à casa C10. O culpado? Era Mestre Tulé. Nessa época ainda não nos conhecíamos e o referido dava aulas no IA/Unicamp, nos horários de almoço e, em alguns dias à noite, entretanto, em dois dias da semana ele dava aulas no Centro de Convivência da Moradia Estudantil. Nenhuma das moradoras tinha proximidade com a Capoeira e o som dos berimbaus não passavam de uma tortura que nos atrapalhava nos estudos na reta final do curso de graduação.

Diante disso, reflito que se nós tivéssemos tido mais contato com a Capoeira na formação inicial, talvez entenderíamos melhor a necessidade do “barulho” para o seu aprendizado, pois sua vivência engloba não só a movimentação corporal para o jogo, mas também a apropriação da musicalidade. Entendo, também, que um curso de formação inicial tem suas limitações curriculares, mas, no caso da Capoeira, uma manifestação cultural brasileira, penso que seria de extrema importância que todo(a)s tivessem contato de alguma forma, dando-lhe sentido e significado em sua prática.

Mas, com meu envolvimento com a Capoeira logo no final da graduação, ela passou a ser uma prática presente em minha vida e, cada vez que eu mais conhecia a história da Capoeira, seus rituais e significados, mais eu me apaixonava pela prática.

Comecei a fazer as aulas de Capoeira no IA/Unicamp, em 1996. Era bolsista do Mestre Tulé e o auxiliava no controle dos participantes, na conferência dos pagamentos dos boletos do projeto de extensão, nas preparações de eventos e de confraternizações. De 1996 até 1998 eu praticava Capoeira todos os dias da semana, às vezes fazia duas aulas diárias e comecei a estudar sobre o tema. Os primeiros trabalhos lidos foram:

AREIAS, Almir das. **O que é Capoeira?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Nacional, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Deptº Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

Meu fascínio só aumentava com as leituras e, em especial, com os trabalhos voltados para a história da Capoeira. A partir desse contato (avassalador para mim) com o mundo capoeirístico, eu passei a viver um estilo de vida no qual ser capoeirista era o que me movia. A forma de me vestir, o ambiente que eu frequentava, as conversas, os treinos, tudo girava em torno da Capoeira. E, claro, isso me influenciou nas reflexões sobre os motivos da Capoeira não estar presente na área de Educação Física, fosse por meio de estudos acadêmicos ou incorporada nos currículos escolares da Educação Básica e do Ensino Superior. Essa inquietação me impulsionou a pensar um projeto para o mestrado acadêmico. Em princípio, inspirada pelos historiadores Carlos Eugênio Líbano Soares e Antônio Liberac Cardoso Simões Pires, meu desejo era realizar um estudo historiográfico para identificar a presença da Capoeira na Educação Física. Hoje, analisando essa ideia, penso que seria uma tarefa hercúlea, pois minha formação inicial estava forjada na Educação Física e nos estudos do lazer e pouco se aproximavam da área acadêmica da História.

Conversando com os colegas que faziam parte do “Grupo de Estudo e Pesquisa de Políticas em Educação Física, Esporte e Lazer”, coordenado pelo Prof. Dr. Lino Castellani Filho, no qual eu fazia parte e, especialmente, por sugestão desse professor, foi me recomendado que eu amadurecesse a ideia de fazer minha pesquisa de mestrado na área da Educação Física buscando as inter-relações existentes entre essa manifestação da cultura corporal e a Educação Física. E essa ideia foi a semente da minha dissertação de mestrado.

1.3. O MESTRADO E OS IMPACTOS NA MINHA VIDA PROFISSIONAL

A experiência do mestrado acadêmico foi extremamente positiva, reflexo da escolha do tema de pesquisa que me movia e me deixava muito realizada. O processo de escrita foi muito prazeroso e leve, diferente do que vivi na escrita do TCC. Em parte, também isso foi responsabilidade da orientação profícua e amistosa do Prof. Dr. Lino Castellani Filho. A dissertação, por ocasião de sua defesa, foi recomendada para a publicação pela banca julgadora e é um dos trabalhos que me orgulha até hoje. Foi uma pena que não tive recursos e fôlego para publicá-la. Na época não existia a facilidade que temos hoje da publicação de obras via *e-books* e era necessária a concordância de uma editora em investir no livro. No caso desse trabalho, o tema Capoeira não tinha uma grande procura do público consumidor e assim, não houve interesse por parte de nenhuma editora. Para publicar por uma editora independente era necessário investir um valor financeiro que eu não tinha.

Para conhecimento vale apresentar o resumo da dissertação “A Educação física na roda de Capoeira... entre a tradição e a globalização”, defendida em 2002.

Trata-se de um estudo bibliográfico que - abarcando um período que vai do século XIX até os dias de hoje - procurou investigar as concepções através das quais a Capoeira, entendida como uma manifestação da cultura corporal

brasileira, vem sendo concebida pela Educação Física, área acadêmica dentro da qual este trabalho ganhou forma.

Para tanto, realizou-se a análise de obras provenientes dos campos de conhecimento antropológico, histórico e sociológico; do senso comum, presentes no interior do meio capoeirístico e originárias do ecletismo existente dentre os professores de educação física. Esta análise propiciou uma investigação das inter-relações estabelecidas entre a Capoeira e a prática educativa denominada educação física.

Verificou-se a submissão da Capoeira, em determinados momentos históricos, aos sentidos assumidos pela educação física na sua ação educativa, buscando imprimir-lhe características próprias aos métodos utilizados em seu fazer pedagógico. Tal fato pode ser atribuído principalmente ao caráter marginal assumido pela Capoeira, que teve seu berço na escravidão negra no Brasil, e ao desejo das Forças Armadas e de intelectuais ligados à Educação em domesticá-la segundo os padrões societários hegemônicos.

Por outro lado, também foi possível notar que a Capoeira assimilou os discursos e métodos provenientes da prática educativa gerada pela educação física. Isso se refletiu na incorporação, na década de 1930, dos valores inerentes à educação física, detectando nesta ação a possibilidade de seu reconhecimento social e de sua liberalização. No entanto, estes valores, ao serem incorporados pelo meio capoeirístico, foram por ele simultaneamente reconceituados, dando trato ao que se chamou de *a reinvenção da tradição da Capoeira*.

Constatou-se ainda que as inter-relações entre os objetos investigados nem sempre se estabeleceram de forma unânime, tanto nos setores que compunham o universo da educação física, quanto naqueles afetos ao meio capoeirístico.

Mais do que a inexistência de unanimidades, esse estudo, ao apontar as inter-relações entre os objetos em apreço no atual momento histórico, analisa a ausência de elementos consensuais sobre a maneira de conceber a Capoeira no universo das práticas corporais tidas por um segmento dos profissionais de educação física como de sua exclusiva competência, situação essa categoricamente refutada por parte do meio capoeirístico.

É a análise deste debate, encetada por este trabalho, que permite ao final apreender o contexto do cotejo entre os valores tradicionais e os impostos pelo mundo globalizado, hoje presentes na Capoeira sob os olhares atentos da Educação Física, aqui agora ratificada na sua expressão de área acadêmica (Silva, 2002, p. 11).

Embora a dissertação não tenha se transformado em livro, foi possível publicar e apresentar em congressos os seguintes trabalhos a partir de suas reflexões:

SILVA, Paula Cristina da Costa. O mestre de capoeira face a regulamentação da profissão de Educação Física In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001, Caxambú/MG. **Anais ...**, v.12, 2001.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira e Educação Física - uma história que dá jogo ... primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.23, p.131 - 145, 2001.

SILVA, Paula Cristina da Costa. O corpo do capoeira/capoeirista no contexto social brasileiro a partir do estudo das inter-relações estabelecidas entre a educação física e a capoeira no decorrer dos tempos In: Simpósio de pesquisa, extensão e ensino do Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal, 2002, Espírito Santo do Pinhal/SP. **Anais ...**, v.1, 2002.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira e Educação Física nas voltas que o mundo dá... um estudo sobre suas inter-relações no decorrer dos tempos In: XIII Congresso Brasileiro

de Ciências do Esporte, 2003, Caxambú/MG. **Anais ...**, v.13, 2003.

SILVA, Paula Cristina da Costa. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (ORG.). As relações entre a Capoeira e a Educação Física no decorrer do século XX. Divulgação - **Textos do Brasil no. 14**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2008.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Bota Mandinga nesta *Gymnastica* Nacional! In: **Pensando a Capoeira** – Dimensões e Perspectivas (Coleção Capoeira Viva - Livro 3), ed.1. Rio de Janeiro: MC&G Design Editorial, v.3, p. 83 – 109, 2015.

Ainda como mestranda, no ano de 2000, comecei a lecionar no curso de Educação Física da Fundação Regional Educacional de Avaré – FREA, uma instituição de ensino superior particular. Avaré/SP é uma cidade próxima a Águas de Santa Bárbara/SP, então, eu ministrava as aulas da disciplina de “História da Educação Física” nas sextas à noite e, aos sábados e domingos, atuava como recreacionista no hotel. Durante o restante da semana, de segunda a sexta, permanecia em Campinas fazendo as disciplinas do mestrado. Era um ritmo de vida bastante intenso, com horas de viagem toda a semana durante um ano inteiro, mas que me rendeu muitos aprendizados. Um deles foi constatar o quanto a área de Educação Física era diferente da “bolha” que eu vivia na Unicamp.

Na FREA eu lecionava para turmas que eram separadas por sexo, então, eu ministrava as duas primeiras aulas para a turma masculina e as duas últimas aulas para a turma feminina, do primeiro ano do curso de licenciatura em Educação Física. Nem preciso mencionar que no vestibular o(a)s candidato(a)s tinham que fazer o famoso teste de aptidão física. Todo esse universo pautado no rendimento físico se distanciava da realidade que vivi na FEF/Unicamp, pois sequer precisei fazer teste de aptidão em 1991 para entrar no curso e a questão de divisão de turmas por sexo era algo superado.

Foi um grande desafio iniciar a docência no ensino superior, pois eu não possuía experiência alguma como docente. Todavia eu estava muito empolgada em me tornar uma professora universitária e decidi seguir os passos do que me foi ensinado na faculdade, adotando a mesma metodologia de trabalho e textos, uma vez que eu não havia passado por uma formação direcionada para sala de aula. Minha referência epistemológica era o materialismo histórico-dialético, mas eu ainda estava me apropriando das leituras durante meus estudos de mestrado. Portanto, minhas aulas da graduação, às vezes, soavam incompreensíveis, em “grego”, para o(a)s estudantes. Muito(a)s tinham uma formação bastante deficitária, sem o hábito da leitura, e eu pedia que ele(a)s lessem textos desafiadores como por exemplo, um trecho do livro “História e verdade”, de Adam Schaff, filósofo marxista polonês que discorria sobre a reescrita da História.

Embora tenha sido difícil esse início de carreira, um dos bons frutos foi quando três alunos prestaram o concurso de vagas remanescentes para o curso de Educação Física, na Universidade Estadual Paulista, em Bauru (Unesp/Bauru), que é pública e gratuita, e foram aprovados. Quando foram se despedir disseram que eu era responsável pela aprovação deles, pois os textos lidos na minha disciplina foram fundamentais para a realização da prova escrita. Com esse resultado pressenti que eu estava no caminho certo.

E foi assim que dei início à minha carreira no ensino superior. Com muitos tropeços, insegurança, mas também acertos.

No ano de 2001, me desvinculei da FREA e fui estagiária docente do Prof. Lino Castellani Filho, na FEF/Unicamp, auxiliando-o na disciplina “História da Educação Física”. Foi um privilégio ter a oportunidade de trabalhar junto com meu orientador, uma das referências da Educação Física brasileira - um orgulho imenso. Aprendi muito com essa experiência, pois era uma dinâmica totalmente diferente do que havia vivido em Avaré/SP. A interlocução com os estudantes da FEF/Unicamp nos debates sobre os textos era muito mais fluída e percebi que o nosso desempenho, como professor(a) universitário(a), é construído a partir das turmas nas quais atuamos. A exigência foi grande em ambas as situações vividas até aquele momento, tanto no acompanhamento das turmas da FREA que tinham muitas dificuldades nas leituras e compreensão dos textos, como na turma da FEF/Unicamp, que a maioria dos estudantes não apresentava essa dificuldade, mas que me exigia uma preparação para além do texto solicitado para leitura. Hoje compreendo melhor essa situação, pois era meu início de carreira e minha bagagem intelectual estava ainda se constituindo, embora tivesse a necessidade de me apresentar segura diante das turmas, ainda não me sentia preparada, eu sabia que me faltava algo.

Paulo Freire (2015) discute sobre incompletude na formação humana e da necessidade da formação permanente dos professores. Essa, por sua vez, apresenta-se como um processo inacabado e transformador, que deve ser constante e pautado na práxis, por meio da ação-reflexão-ação.

Em 2002, já mestre, fui contratada por duas instituições de ensino superior privadas que se localizavam no raio de 100km de Campinas/SP. Um dos locais em que atuei foi o antigo Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal (Creupi), que atualmente é a Faculdade Regional do Espírito Santo do Pinhal (Unipinhal), onde trabalhei do início de 2002 até o final de 2003, no curso de Educação Física nas disciplinas “Recreação e lazer”, “História da Educação Física”, “Danças – módulo danças brasileiras” e “Expressão corporal – módulo capoeira”. Também ministrei aulas para o curso de Turismo, dessa mesma instituição, atuando nas disciplinas “Lazer e recreação” e “Projetos de animação em lazer e turismo”. Em ambos os cursos também orientei estudantes na produção de trabalho de conclusão de curso (TCCs).

Já nas Faculdades Integradas de Amparo (FIA) trabalhei de agosto de 2002 até o final de 2003 ministrando as disciplinas “Capoeira” e “Recreação e lazer”.

Para ministrar as aulas no Creupi e na FIA era necessário realizar viagens diárias. O ônibus fretado do Creupi saía às 17h. de Campinas/SP para chegar em Espírito Santo do Pinhal/SP a tempo das aulas se iniciarem. Chegávamos às 18h e permanecemos trabalhando até às 22h., com um pequeno intervalo de 20 minutos para o lanche. Saíamos após a última aula do período noturno e eu chegava em casa por volta das 23h30min. Por ter uma carga horária em dois cursos, eu ia três vezes por semana para lá. Já as aulas da FIA me tomavam uma noite por semana, mas a instituição não fornecia o transporte,

sendo assim, nós professores nos organizávamos e fazíamos uma vaquinha para custear as despesas do traslado. Embora Amparo/SP fosse mais próxima de Campinas/SP (60 km.), enfrentávamos a Serra da Mantiqueira Paulista o que fazia a viagem ser mais cansativa e gastar o mesmo tempo que para Espírito Santo do Pinhal/SP. Além de mim, outros professores formados pela FEF/Unicamp faziam parte do corpo docente dessas instituições. Naquele período, ocorria a ampliação dos cursos de nível superior privadas e para o reconhecimento desses pelo Ministério da Educação (MEC), era necessário um número mínimo de mestre(a)s e/ou doutore(a)s e isso se concretizava, à medida que essas instituições contratavam professore(a)s como esse grupo de egressos da FEF/Unicamp, pois a maioria já tinha algum título de pós-graduação.

Em março de 2003 fui convidada pela Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo (SMCET), da Prefeitura Municipal de Campinas (PMC), para assumir um cargo comissionado de Agente Cultural, na Coordenadoria de Ação Cultural (CAC). Esse trabalho foi desenvolvido na gestão da Prefeita Izalene Tiene, do Partido dos Trabalhadores (PT), que substituiu o Prefeito Antônio da Costa Santos, o Toninho, barbaramente assassinado em setembro de 2001.

Em agosto de 2003 apareceu outra oportunidade de trabalho, muito tentadora e relevante academicamente, que foi ministrar aulas na Pontifícia Universidade Católica – PUC Campinas. Embora eu já estivesse com uma carga horária de trabalho bastante intensa ainda me restava uma noite “vaga” (sem dar aulas) e o ritmo de trabalho como agente cultural da CAC não me exigia muito. Entretanto, meses após eu assumir as aulas da disciplina “História da Educação Física”, nos períodos matutino e noturno da PUC Campinas, fui promovida para coordenadora setorial de Ação Cultural da SMCET/PMC.

Vale dizer que nesse momento de minha vida (embora a carga de trabalho fosse grande) eu, finalmente, deixaria de vez a atuação como recreacionista, que era um trabalho sem carteira assinada, e passaria a ter mais estabilidade no emprego e os direitos trabalhistas garantidos. Por outro lado, as condições de trabalho nas faculdades particulares não eram as melhores, pois a remuneração era restrita a hora-aula ministrada. Além disso, a coordenação da CAC me demandava todo o tempo do meu dia, inclusive finais de semana, pois eu supervisionava uma equipe composta por dez pessoas de suporte técnico e mais 19 agentes culturais. Esses, por sua vez, atuavam de forma descentralizada nas Administrações Regionais (ARs) de Campinas/SP e tinham uma formação especializada voltada para interesses culturais do lazer, também ajudando no cuidado e zeladoria de espaços culturais descentralizados nos bairros e distritos da cidade como: Casas de Cultura, Teatros e Centros de Convivência. Desse total de agentes culturais somente oito eram servidores públicos concursados, os demais eram comissionados. O trabalho que eu desempenhava era complexo, pois abarcava uma cidade populosa e com muitos equipamentos de lazer, pautando-se na estratégia da intersetorialidade para dar conta do atendimento do(a) cidadã(o) de forma integrada. Em alguns locais o trabalho funcionava bem, em outros nem tanto. O objetivo principal da gestão da SMCET/PMC, comandada por Valter Pomar (quadro representativo do PT), era o atendimento das áreas periféricas,

promovendo a capilarização das ações culturais por meio de eventos pensados e organizados junto às comunidades.

Ao final de 2003 eu estava exaurida e pedi demissão no Creupi e na FIA, porém mantendo meu vínculo empregatício com a PUC Campinas. Foi uma decisão muito difícil porque como meu cargo na SMCET/PMC era comissionado, não havia garantia de continuar o trabalho na CAC após 2004. Entretanto, estava “apaixonada” pelo trabalho e pelo desafio em coordenar as ações descentralizadas de cultura. Eu acreditava que era para isso que eu havia me preparado na formação inicial e isso me realizava. Eu me sentia importante pois estava participando de um processo de democratização do acesso ao lazer na periferia de Campinas/SP e fortalecendo as ações de um partido progressista que eu acreditava com toda minha força e juventude. Não caberia nesse memorial descrever todo o trabalho realizado nessa gestão pela SMCET/PMC, mas posso elencar os mais significativos: Censo Cultural (mapeamento de equipamentos, produtores culturais, artistas, artesãos), desenvolvimento de uma política cultural articulada intersetorialmente e com os demais entes públicos (governos estadual e federal), fórum permanente de cultura, participação da equipe da SMCET/PMC nas plenárias de orçamento participativo pleiteando mais verba para o setor, debates travados no Conselho Municipal de Cultura e no Fórum Social Mundial – Campinas/SP, debates em torno do projeto pedagógico da Escola Municipal de Cultura e Arte, além das inúmeras ações descentralizadas durante todo o decorrer de 2001 a 2004. Para se ter ideia, no final de 2003, o número de atendimentos⁴ em ações como: eventos, oficinas descentralizadas, programas e projetos encabeçados pela CAC foi de:

- 84.600 em 2001,
- 95.050 em 2002 e
- 141.260 em 2003.

Embora fizéssemos muito, havia uma resistência da classe burguesa campineira com relação à gestão petista e a imprensa agia de forma deliberada boicotando e caluniando o governo e suas ações. Me lembro que em um certo final de semana minha equipe realizou quatro eventos simultâneos em diferentes pontos periféricos da cidade, todos eram festas juninas. Desses, três desses eventos foram um sucesso de público, mas o jornal de maior tiragem da cidade noticiou somente o evento que houve pouco público e acusou a administração municipal em destinar verbas da cultura para fiascos como aquele. Foram muitas situações difíceis, mas a equipe era animada e acreditava no que fazia. E eu ia me sustentando no cargo da forma que podia, contando com muitos aliados, uma vez que “pessoas para jogar contra” não faltavam.

⁴ O número de atendimentos não corresponde ao público de cada ação realizada. Ele é calculado de acordo com o número de atividades oferecidas em cada evento, por exemplo, no Projeto Arte, Lixo e Meio Ambiente (ALMA), coordenado por mim em 2002 e 2003, eram realizadas oficinas de reciclagem de lixo, recreação infantil, apresentação teatral e mutirão de limpeza das imediações de córregos e rios. Cada evento oferecia 4 atividades e cada criança poderia realizar todas elas, portanto se fazia uma média de público e multiplicava-se pelo número de atividades realizadas gerando uma estimativa de atendimentos.

O ano de 2004 foi atípico, se comparado ao anterior, pois as eleições municipais agravaram as relações existentes na CAC e fez com que o trabalho ocorresse de forma truncada por conta das disputas políticas e da lei de contratações e licitações. Após uma campanha bastante acirrada, infelizmente, o candidato petista foi derrotado. No ano seguinte e, também nos posteriores, assistimos ao desmonte da política de cultura construída ao longo de quatro anos. Mesmo com tantos acertos e com agentes culturais concursados, pouco sobrou. Não me lembro de ter ocorrido eventos na periferia promovidos pela PMC durante os cinco anos seguintes que morei em Campinas/SP.

Em uma análise após dez anos da gestão Toninho-Izalene, Valter Pomar (2014), faz um balanço do legado petista para a cidade de Campinas/SP e analisa as forças e a conjuntura política daquele momento⁵. Ele não trata diretamente da secretaria que dirigia, mas analisa de forma global a gestão realizada fazendo a autocrítica do governo e exaltando os pontos positivos.

Diante disso, o que eu temia ocorreu: além de presenciar o desmonte da política de cultura que foi construída com tanto esmero e energia, eu me via dependente financeiramente das aulas da PUC-Campinas para sobreviver. Nem preciso mencionar o quanto minha renda caiu e as economias feitas ao longo daqueles anos serviram para custear os anos seguintes.

Trabalhar na PUC-Campinas tinha seus méritos pois era próximo de onde morava (desde minha graduação eu morava no distrito de Barão Geraldo, próximo à Unicamp), era uma universidade com vários cursos, tinha uma reputação de excelência e a remuneração da hora aula era boa. Porém, as turmas das disciplinas teóricas como “História da Educação Física” eram muito grandes, com uma média de 50 estudantes por turma (eu ministrava essas aulas no auditório com microfone), as orientações de TCCs ocorriam em disciplinas com 15 aluno(a)s por turma e o professor responsável era quem os orientava, independente do tema escolhido (cheguei a orientar 30 estudantes em um semestre, com os mais variados temas) e, em cada início de semestre, todo(a)s o(a)s docentes eram obrigados a passar por um tipo de “concurso” no qual tínhamos que apresentar nosso currículo lattes atualizado e documentado. O processo de pontuação e classificação de cada professor(a) era feito por uma banca formada pelos próprios colegas docentes e por meio dessa classificação cada um(a) poderia escolher as disciplinas que desejasse. Éramos chamados pela banca e escolhíamos as disciplinas que tínhamos afinidade e os que estivessem no final da classificação e não conseguissem aulas na graduação eram dispensados. No meu caso, como eu não tinha a licenciatura em Educação Física, eu não podia escolher nenhuma disciplina da área pedagógica.

Nos anos de 2004 e 2005 ministrei o máximo de aulas possível na graduação, participei de um projeto de extensão denominado “Projeto piloto de acompanhamento acadêmico” promovido pela Centro de Ciências Sociais Aplicadas e ofereci duas disciplinas de

⁵ Aquele(a)s que tiverem curiosidade em ler a análise da situação política do que foram e o que significaram os anos da gestão municipal de 2001 a 2004 do PT em Campinas, recomendo a coluna crítica do blog [Valter Pomar: Governo democrático-popular em Campinas em Campinas, 10 anos depois.](#)

“Prática de formação com o tema de contadores de histórias⁶”. No final de 2005 passei pelo processo seletivo de docentes para o primeiro semestre de 2006 e minha classificação ficou aquém dos demais professore(a)s, resultando na minha demissão em dezembro. Mesmo sendo a professora homenageada pelos estudantes na colação de grau e ministrando uma das práticas de formação mais procuradas na universidade, não pude me manter no corpo docente da PUC-Campinas. Hoje tenho um arrependimento muito grande de não ter movido uma ação trabalhista contra essa instituição porque o trabalho desempenhado nas disciplinas de orientação de TCCs me ocupava muito tempo e demandava inúmeras leituras, não havendo nenhuma remuneração para essas tarefas. Não movi a ação com esperança de ser convocada novamente para trabalhar lá, mas isso nunca aconteceu.

Como a resiliência é uma excelente professora e embora, naquela época, eu estivesse muito decepcionada com a carreira acadêmica, eu me movi em duas direções para me qualificar e superar a estagnação acadêmica que me encontrava.

Pedi meu reingresso na graduação da Unicamp para cursar a Licenciatura em Educação Física e fui aceita para iniciar as disciplinas faltantes no primeiro semestre de 2006. Concomitantemente, iniciei a escrita do meu projeto de doutorado. Assim, iniciou-se uma nova etapa de formação em minha vida.

1.4. A VIDA DE ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO E DE DOUTORADO

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”
Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas

Em março de 2006 eu me encontrava novamente sentada em uma sala de aula da FEF/Unicamp com estudantes de graduação com a média de 10 anos a menos que eu. Frequentava as aulas desperiodizada e, assim, não tinha uma turma específica. Gostava de ser a integrante mais cobiçada quando a turma se dividia em trabalhos em grupo: Quem não gostaria de ter uma mestre, ex-professora universitária, em seu grupo de trabalho? Essa disputa e a convivência com pessoas mais jovens, sem a preocupação de preparar aulas e ministrá-las, fez bem para minha autoestima e foi importante porque, naquele

⁶ Meu envolvimento com a arte de contar histórias se iniciou em 2002 com um curso oferecido pela Profa. Ângela Barcellos Café que fazia o mestrado acadêmico na FEF/Unicamp. Nessa ocasião, fui à procura de técnicas para aprender a falar em público porque era muito tímida e ficava muito nervosa. Após uma vivência de um final de semana, comecei a me reunir com pessoas que fizeram o curso e começamos a praticar essa arte indo para escolas contar histórias para crianças. Nesse mesmo ano fundamos o Grupo Manauê – Contadores de Histórias que ainda existe, embora não esteja mais em funcionamento. Minha experiência como contadora de histórias foi muito profícua e me auxiliou profissionalmente, pois as vivências das oficinas que ministrávamos acentuavam o lado lúdico de tornar-me professora. Também vale mencionar que as apresentações e oficinas oferecidas pelo Manauê me ajudaram financeiramente durante os anos de 2004 até 2009 quando entrei por meio de concurso público na Universidade Federal do Espírito Santo. Sou muito grata por tudo que vivi como contadora de histórias mas, me limito a citar essa experiência nessa nota, pois se for escrever todas as “aventuras” vividas nessa profissão, eu poderia produzir outro memorial.

período, sentia-me incompetente e avaliava que tinha feito escolhas erradas ao ter optado em assumir a coordenação de ação cultural, em 2003, e ter deixado o trabalho nas outras instituições de ensino superior. Também avaliava que minha estratégia de permanência na PUC-Campinas deixou a desejar, entendendo que eu deveria ter publicado mais para ter uma pontuação maior no currículo. Mas, estava feito. Nada mudaria o passado.

Na graduação reencontrei professoras que conhecia há algum tempo pela convivência em congressos e reconhecimento do trabalho acadêmico, como Silvia Franco Amaral, Helena Altmann e Elaine Prodócimo, todas professoras da FEF/Unicamp e que tive o prazer de cursar as disciplinas como estudante de licenciatura. Também reencontrei a Profa. Eliana Ayoub que atuava na disciplina de estágio supervisionado e que tinha vínculo com a Faculdade de Educação. A Profa. Eliana, carinhosamente conhecida como Nana, fez parte da minha banca julgadora do mestrado e conhecia um pouco de minha trajetória acadêmica. Em conversas que tive com essas mulheres e com amigo(a)s, a ideia de seguir a carreira acadêmica mantinha-se como uma boa opção e aproveitar a oportunidade de formar-me licenciada em Educação Física e estudar o tema Capoeira na escola poderia ser algo tangível e produtivo.

Assim, com o projeto “O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de Educação Física escolar” fui aprovada na seleção de pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Unicamp e minha orientadora era a Profa. Eliana Ayoub.

No segundo semestre de 2006 iniciei as disciplinas do doutorado e dentre as que cursei a que mais me marcou foi ministrada pela Profa. Dra. Roseli Cação Fontana que me apresentou as leituras de Mikhail Bakhtin. Suas aulas eram descontraídas e ao mesmo tempo eram revestidas de seriedade pela sua excelente capacidade em explicar as conceituações complexas do estudioso russo trazendo para nosso contexto a compreensão de mundo a partir da teoria bakhtiniana. O livro “Marxismo e filosofia da linguagem” foi minuciosamente analisado pelo grupo de estudantes que frequentavam a disciplina e as discussões em sala acerca dos conceitos-chaves desse autor potencializavam nossa compreensão e nos aproximava como grupo de orientandos da Nana. Entretanto, eu vivia uma situação particularmente ambígua, pois ao mesmo tempo que eu via uma possibilidade epistemológica favorável de interpretação dos dados da minha pesquisa pela teoria bakhtiniana, eu me sentia muito aquém de compreender seus conceitos e muito despreparada intelectualmente para isso. Mas, de toda forma, persisti até o final do doutorado com esse desejo, mas infelizmente não dei conta da tarefa de interlocução com o autor por questões relacionadas ao modo apressado em que tive que concluir a tese.

Ao mesmo tempo em que fazia as disciplinas do doutorado, cursava também as da licenciatura que foi finalizada em dezembro de 2006. Essa situação me ajudou bastante, pois me vi imersa em um contexto de estudos voltados para a escola e para as aulas de Educação Física. Não havia ainda vivenciado o ambiente escolar como professora e me entusiasmei muito com as aulas do estágio supervisionado em Educação Física escolar. A professora que acompanhei durante o ano de 2006 foi Marina Hisa Matsumoto, que se tornou, ao longo desse percurso de doutoramento, colega de pós-graduação e de trabalho.

Em 2007 e 2008 tive a oportunidade de me tornar professora temporária nessa mesma escola em que estagiei, localizada no Jardim Santa Genebra, em Campinas/SP e, ministrei aulas de Educação Física em um horário diferente ao de Marina para as turmas do Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano.

O estágio supervisionado e a experiência na escola da rede estadual pública de ensino trouxeram à tona a antiga vocação que eu tinha alimentado na época que prestei o vestibular e que não havia se concretizado: educar crianças e jovens a partir do movimento, ao ar livre, com prazer. A escola em que atuei tinha uma quadra em boas condições para as aulas de Educação Física e o pátio coberto garantia que as atividades ocorressem fora da sala nos dias de chuva. Eu ministrava aulas para as crianças sempre em diálogo com a professora Marina, garantíamos que eles tivessem uma continuação dos conteúdos referentes as manifestações da cultura corporal. A parceria de trabalho se encerrou em 2009 quando fui morar em Vitória/ES. Mas, após esse período, conseguimos publicar alguns textos e estudar um pouco mais sobre Educação Física escolar e metodologia de ensino no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Física Escolar (GEPEFE), coordenado por Profa. Eliana Ayoub.

Meu trabalho de campo da pesquisa de doutorado ocorreu em 2007 e englobou dois momentos. O primeiro foi o oferecimento de um curso de Capoeira para professores da rede pública da região metropolitana de Campinas/SP. Nessa etapa 15 aulas foram ministradas por mim e pelo Mestre Tulé, nas sextas-feiras, de fevereiro a junho, e contou com uma média de dez professores participantes, a maioria do GEPEFE. O curso consistia em oferecer vivências teórico-práticas de Capoeira de modo que o(a)s professore(a)s pudessem assimilar os elementos básicos desta manifestação cultural visando o desenvolvimento desse conhecimento no ambiente escolar com seus alunos. Nas aulas eram realizadas dramatizações de eventos históricos da Capoeira; apresentação de documentários, jogos e vivências da gestualidade, musicalidade, da roda e das danças relacionadas à Capoeira.

A segunda etapa da pesquisa foi o acompanhamento das aulas de Capoeira desenvolvidas por duas professoras no contexto da educação física, para turmas das antigas 1ª a 4ª série do ensino fundamental. A finalidade desse acompanhamento era perceber como as professoras trabalharam com os conhecimentos estudados no curso e de que forma eles foram tratados junto aos seus alunos.

Fiz o curso de doutorado sem bolsa de estudos e, concomitante ao processo de doutoramento, eu atuava em várias frentes. Fui monitora bolsista de Educação à Distância (EAD)⁷, Estagiária do Programa de Estágio Docente da UNICAMP, na Faculdade de Educação Física⁸ e Assistente Pedagógica do “Programa Especial para Formação de

⁷ Refiro-me à minha participação como bolsista de EAD no curso de Especialização em Gestão Educacional, oferecido pela Faculdade de Educação, da UNICAMP, em parceria com o Governo do Estado de São Paulo, ministrado a todos os diretores do Estado de São Paulo, no ano de 2006.

⁸ Assim que terminei o curso de Licenciatura em Educação Física, no final de 2006, pude assumir ao longo de 2007, o estágio docente na disciplina de “Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física I e II”, sob a supervisão da Profa. Dra. Eliana Ayoub. Já no 1º semestre de 2008, atuei como estagiária da

Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas”, o PROESF⁹. Após esses trabalhos, notei que minha vivência no campo da Educação Física escolar encontrava-se mais fortalecida e com mais subsídios para perceber as relações entre essa disciplina e as demais na escola. Além disso, foi possível notar como a Educação Física necessitava e ainda necessita afirmar-se como componente curricular fundamental na formação das crianças e jovens, pois cabe a ela, em muitas escolas, ainda o papel de mera “atividade”.

Foi na docência do PROESF que iniciei minha inserção no mundo da Ginástica para Todos (GPT), na época denominada Ginástica Geral (GG). Vale mencionar que Eliana Ayoub é uma das referências brasileiras nos estudos dessa modalidade demonstrativa da ginástica, que faz parte da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Transcrevo a compreensão que Ayoub (2007, p.87) tem sobre essa manifestação cultural.

[...] ginástica geral engloba e integra as diversas manifestações da ginástica que vêm configurando-se ao longo desses dois últimos séculos. Isso quer dizer que as diferentes formas de manifestação gímnica poderão, e deverão, ser tema das aulas de GG.

Aprender ginástica geral na escola significa, portanto, estudar, vivenciar, conhecer, compreender, perceber, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, apreender as inúmeras interpretações da ginástica para, com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica.

Sob essa ótica, podemos considerar que a ginástica geral como conhecimento a ser estudado na educação física escolar representa a ginástica.

A experiência que comecei a desenvolver com a GPT ganhou “cores e sabores” por meio das aulas da disciplina “Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física”¹⁰ que fazia parte do curso de graduação em pedagogia, do PROESF, no sexto e último semestre, com carga horária de 60 horas. A proposta desenvolvida era

[...] estudar a educação física escolar e possibilidades de desenvolvimento de diferentes linguagens corporais na escola. Seus objetivos centrais eram os seguintes: refletir sobre o papel da educação física na escola; refletir sobre a educação do corpo na sociedade e na escola; e conhecer diferentes linguagens corporais e suas possibilidades de desenvolvimento no âmbito escolar, com ênfase na ginástica geral. O processo de avaliação na disciplina previa, além da participação efetiva nas aulas e da elaboração de um portfólio em pequenos grupos,

disciplina “Estágio Supervisionado em Educação Física 1”, sob supervisão da Profa. Dra. Helena Althmann, Profa. Dra. Elaine Prodócimo e Prof. Dr. Ademir de Marco; e, no 2º. semestre de 2008, trabalhei juntamente com a Profa. Dra. Elaine Prodócimo nas disciplinas “Estágio Supervisionado em Educação Física 2” e “Educação Física no ensino fundamental”.

⁹ Ministrei as aulas da disciplina “Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física” no decorrer dos primeiros semestres de 2007 e 2008, fazendo parte do corpo docente de Assistentes Pedagógicas APs – da referida disciplina, sob supervisão da Profa. Dra. Eliana Ayoub.

¹⁰ O detalhamento da proposta e execução dessa disciplina, bem como, sua contextualização no âmbito do Proesf, pode ser consultada nos trabalhos de Ayoub et al. (2009, 2010, 2011).

um trabalho coletivo final de criação e apresentação de uma composição, a qual deveria contemplar as diferentes linguagens estudadas no curso (Ayoub et al. 2009, p. 4).

Então, uma nova janela de possibilidades se abriu diante de mim. À essa altura de minha carreira profissional já “coleccionava” experiências variadas no campo da cultura corporal.

Contudo, ainda faltava terminar o doutorado e as expectativas para a contratação de doutores nas universidades públicas estava favorável. Com o primeiro governo democrático e popular do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, foi implantado o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que teve como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior no Brasil. Esse programa absorveu uma fatia significativa de doutores e mestres brasileiros para atuar nas universidades e institutos federais. Muitos concursos estavam sendo abertos mas eu ainda não havia defendido minha tese, por conta de uma série de intercorrências que aconteceram ao longo de 2008, tanto de minha parte, como da parte de minha orientadora de doutorado. Em quatro de novembro de 2008, foi lançado o edital nº35, de um concurso público para a seleção de docentes no Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). Um amigo da turma de pós-graduação, que trabalhava nesse local, me disse que a vaga tinha meu perfil, que o novo currículo do CEFD/UFES estava em processo de implantação e que eu poderia contribuir com minha experiência na formação inicial dos estudantes.

De fato, a vaga para a área de Educação Física, com a subárea denominada “Educação Física, expressão e linguagem”, tinha uma relação direta com o que eu vinha desenvolvendo ao longo dos últimos anos, que era trabalhar com as manifestações da cultura corporal estudando-as a partir da linguagem. Consultei o diretor do CEFD/UFES, que na época era o Prof. Dr. Valter Bracht, e ele disse que não haveria problema em uma doutoranda prestar o concurso, mas ressaltou que a posse só poderia ser efetivada quando me tornasse doutora. Ainda de acordo com meu amigo de pós-graduação, eu deveria somente me classificar nesse concurso, garantir a segunda colocação, pois surgiriam mais vagas e o Departamento de Ginástica (detentor daquela vaga para docente), aproveitaria o(a)s candidato(a)s aprovado(a)s. Assim, com essas informações decidi arriscar e prestar o concurso.

As provas ocorreram em meados de dezembro. Eu nunca havia pisado em terras capixabas e fiquei hospedada em Jardim da Penha, bairro próximo da universidade e conhecido em Vitória/ES por ser um bairro que se parece a um labirinto. Para uma pessoa que já conhece o local, o tempo demandado para ir de qualquer ponto desse bairro para a UFES é em torno de 15 minutos. No primeiro dia do concurso, o dia da prova escrita, eu levei 40 minutos para chegar no CEFD/UFES, uma vez que fiquei dando voltas aleatórias por quase meia hora (em 2008 os aplicativos de mapas não eram muito populares). Cheguei bastante esbaforida e levei comigo os livros do único ponto que eu não havia estudado com muito afinco, que era “A dança na Educação Física escolar”, imaginando que eu teria uns minutos para consultar a bibliografia básica recomendada antes do início da prova.

Vale mencionar que, do tempo da inscrição até as provas, eu estudei com muita dedicação os temas do concurso que poderiam ser sorteados e fiz o rascunho de quase todas as aulas que eu poderia ministrar ou discorrer a respeito, com a exceção de um tema. Eu estava preparada para o segundo lugar. Quando entrei na sala do concurso haviam muitos candidato(a)s, então soube que seriam realizadas as provas escritas para duas outras vagas docentes de outras subáreas naquele mesmo local.

Para a vaga que eu concorria havia duas candidatas somente, além de mim. Notei que todo(a)s chegavam na sala carregando livros, alguns em mochilas, outros em malas com rodinhas, achei aquilo estranho. O prof. Valter Bracht era o presidente de uma das bancas do concurso e esclareceu que após sorteado o ponto para a prova escrita, o(a)s candidato(a)s teriam uma hora para consultar o material bibliográfico pessoal, fazer suas anotações e, posteriormente, realizar a prova.

Nesse momento, fiquei estática, minhas mãos gelaram e comecei a suar frio, já imaginei eu entregando a prova em branco ou escrevendo uma dissertação sem referências (o que seria, basicamente, o mesmo que entregar uma prova em branco) e um pensamento me passou pela cabeça... só tenho chance se o ponto sorteado for “A dança na Educação Física escolar”. Isso porque esse era justamente o ponto que eu não havia preparado a aula com antecedência, mas eu tinha em mãos a bibliografia indicada porque achava que teria tempo de estudá-la, ao menos um pouquinho, antes da prova. E parafraseando Guimarães Rosa, que é um autor que eu admiro muito, “O que tem que ser, tem muita força”. E assim, o ponto sorteado foi aquele que eu tinha os livros em mãos e os consultei durante a hora destinada para a preparação da prova escrita. Fui aprovada para a segunda etapa do concurso, que era a prova didática.

Das duas candidatas que concorriam comigo, uma doutora ficou pelo caminho, a sua nota da prova escrita foi insuficiente para a próxima etapa, agora eu concorria com outra professora doutora. O ponto sorteado da prova didática foi “Linguagem do corpo e teoria do ritmo”, que seria no dia seguinte. Preparei os slides e eu tinha 50 minutos para ministrar a aula da prova. Deixei como um “trunfo na manga” um vídeo do Grupo Ginástico da Unicamp (GGU) apresentando uma composição coreográfica com a música “Berimbau Blues”, de Dinho Nascimento. O vídeo tinha cinco minutos de duração e traduzia por meio dos gestos das ginastas muito do que eu havia planejado apresentar, se desse tempo eu o apresentaria. O nervosismo para a prova didática era grande, mas ao mesmo tempo minha cabeça funcionava dizendo o tempo todo “Não se desclassifique”, “Só tem duas candidatas, não cometa erros que possam te desclassificar”. Ministrei a aula em 45 minutos e os cinco minutos restantes foi o vídeo com a apresentação do GGU. Cumpri o que tinha me proposto em cravados 50 minutos e fui embora já sabendo que seria derrotada na prova de títulos, pois não era doutora, mas sabia que não tinha sido desclassificada da prova didática.

Fiquei mais dois dias em Vitória/ES aproveitando o tempo para conhecer a cidade e aguardando a divulgação do resultado do concurso. Ele foi divulgado no CEFD/UFES e,

o que eu não queria, naquele momento, pelo menos, ocorreu, eu fui a primeira colocada do concurso.

Um misto de alegria e angústia tomou conta de mim. Fui me informar na direção do CEFD/UFES para saber quando o resultado seria publicado no Diário Oficial da União (DOU). Eu sabia que após isso eu teria 30 dias para tomar posse. Me informaram que seria publicado no final do mês de dezembro. Liguei para minha orientadora assim que obtive essa informação:

- Nana, tenho duas notícias para te dar sobre o concurso da UFES. Uma boa e outra ruim.

- Eu já sei a boa, Paulete¹¹, você passou em primeiro lugar... parabéns, minha querida (risos)! Eu sabia que você iria passar. E qual é a ruim?

- Preciso tomar posse antes do final de janeiro, senão perderei a vaga.

- Então, assim que você chegar em Campinas, venha direto para minha sala na FE/Unicamp, vamos organizar seu texto de qualificação. Vou ligar para a secretaria de pós-graduação e agendar sua qualificação para daqui a dez dias, antes do Natal. Vai dar tudo certo!

Sou muito grata ao universo por ter tido a Nana como minha orientadora de doutorado (considero-a até hoje minha orientadora) e ter tido pessoas nas bancas de qualificação e defesa do doutorado tão generosas e compreensivas. Minha tese foi terminada em 45 dias. A defesa ocorreu em 24 de janeiro de 2009, tomei posse no dia 26. E, por coincidência ou não, faço aniversário no dia 25 de janeiro e posso afirmar que até hoje esse foi o melhor presente de aniversário que ganhei em toda minha vida.

¹¹ Paulete é o apelido que ganhei na graduação, em 1991, e até hoje sou muito conhecida na área da Educação Física e na Capoeira por esse apelido.

2. NAS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ, NOVAS PERSPECTIVAS ...

“O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando”

Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas

No feriado de Carnaval de 2009 cheguei com minha mudança em Jardim da Penha para começar uma nova vida. Minha relação afetiva estava abalada fazia em torno de um ano e a separação foi uma decisão difícil, consciente e facilitada pela minha vinda para Vitória/ES.

Até hoje não há palavras que descrevam a felicidade em me tornar uma professora de uma Universidade Pública Federal. Era meu sonho se realizando, em meio às inúmeras dificuldades, como morar sozinha em uma cidade que eu não conhecia ninguém, me separar de um companheiro de anos de convivência e ficar longe da família e do(a)s amigo(a)s.

O ambiente do Departamento de Ginástica (DG) do CEFD/UFES era amistoso e repleto de novos professores. Senti que eu tinha inúmeras possibilidades de trabalho e atendendo as demandas institucionais eu poderia trabalhar com o que mais me satisfizesse do ponto de vista profissional. E assim, comecei a construir minha carreira docente naquele local.

2.1. O ENSINO-APRENDIZADO DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DIFERENTES CONTEXTOS, NOVAS POSSIBILIDADES

Minha atuação e estudos sobre Educação Física escolar no CEFD está relacionado ao meu envolvimento com o curso de Licenciatura, que ocupou grande parte do tempo em que permaneci nessa instituição. Comecei a ministrar aulas para esse curso em 2009 e no decorrer de três currículos diferentes pude desenvolver projetos de pesquisa e extensão ancorados nas disciplinas nas quais atuei. Houve alguns “respiros”, durante esse tempo que foram os momentos em que ocupei o cargo de Diretora de Esporte e Lazer, da Pró-reitoria de extensão de 2020 a 2024 e os intervalos nos quais me licenciiei, como em 2016 quando fiz meu pós-doutoramento (pós-doc) e, no segundo semestre de 2018 quando gozei de minha licença capacitação.

Essa imersão nas disciplinas do curso de Licenciatura me absorveu de forma bastante intensa, resultando em atividades que desenvolvi em um período paralelo ao dos estudos da Ginástica que tratarei detalhadamente no próximo capítulo.

Assim, uma das ações fundamentais que tomei, ainda em 2009, foi registrar meu primeiro projeto de pesquisa na UFES denominado “O ensino-aprendizado da Capoeira”. Nesse período, eu me encontrava como pesquisadora vinculada ao Laboratório Práxis/Cria¹². Essa escolha se deu às inúmeras possibilidades de abordagem de temas da minha tese de doutorado que valeriam a pena aprofundar com outros estudos. Esse projeto de pesquisa foi finalizado em 2010 e resultou nos seguintes trabalhos:

SILVA, Paula Cristina da Costa. Os desafios e as possibilidades do ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física escolar In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Salvador. **Anais...**, 2009.

SILVA, Paula Cristina da Costa. A Capoeira como conhecimento a ser estudado nas aulas de Educação Física escolar. In: IX Colóquio sobre questões curriculares/ V Colóquio Luso Brasileiro, 2010, Porto. **Actas ...** Porto: Centro de Investigação e Intervenção Educativas e Instituto de Educação da UMinho, v.1, p. 959 – 968, 2010.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira nas aulas de Educação Física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, p.889 - 903, 2011

As pesquisas acerca da Capoeira na escola e seus desdobramentos continuaram em 2010 com o projeto “Processos de ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física escolar – diferentes contextos, novas possibilidades”, resultando nos trabalhos:

SILVA, Paula Cristina da Costa. Na roda dialógica de capoeira no jogo os conceitos de Bakhtin. In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2011, Porto Alegre. **Anais ...** Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011.

SILVA, Paula Cristina da Costa; MATSUMOTO, Marina Hisa; AYOUB, Eliana. Processo de ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física – um estudo numa escola de Campinas/SP. In: Congreso Education Health and Migration - 'Retos actuales de educación y salud transcultural', 2013, Almería. **Actas ...** Almería: Editorial de la Universidad de Almería, 2013, v.1, p.350 - 345

¹² O Práxis/Cria - Grupo de Pesquisa de Formação Inicial e Continuada em Educação Física é coordenado, atualmente, pela Profa. Dra. Zenolia Christina Campos Figueiredo. De acordo com o Diretório de grupos do CNPQ, esse grupo “Busca investigar os conhecimentos profissionais e a formação do professor que atua na educação básica e superior, bem como investe em ações de formação continuada com foco na prática pedagógica do professor”. Link no Diretório de grupos do CNPQ: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7044478681302271

SILVA, Paula Cristina da Costa. A capoeira na escola: caminhos possíveis de seu ensino In: I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação/III Encontro de Sociologia da Educação, 2013, Braga. In: PALHARES, J.A.; AFONSO, A.J. (Orgs.) O não-formal e o informal em educação: Centralidades e periferias. **Atas ...** Braga: Centro de Investigação em Educação / Universidade do Minho, v.3, p.242 - 252, 2013.

SILVA, Paula Cristina da Costa; AYOUB, Eliana; PINTO, Larissa Graner; MATSUMOTO, Marina Hisa. O ensino-aprendizado da capoeira nas aulas de Educação Física – diferentes contextos, novas possibilidades In: **Capoeira: abordagens socioculturais e pedagógicas**. Curitiba: Appris, p. 104 - 126, 2015.

E, além dos resultados da pesquisa, orientei uma aluna no curso de especialização em Educação Física na Educação Básica resultando do seguinte trabalho:

ALMEIDA, Danielle Cantarella de. **Capoeira e a memória corporal das crianças de um CMEI de Vitória – ES**. 2013. Monografia (Especialização em Educação Física para Educação Básica). Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

Paralelo ao projeto de pesquisa mencionado, iniciei um Projeto de extensão voltado para o ensino-aprendizado da capoeira cujo nome foi *Capoeira Angola Toca do Goiamun*, em homenagem aos caranguejos “Guaiamuns¹³” que são abundantes no manguezal ao lado da UFES, no campus Goiabeiras. Esse projeto de extensão perdurou até 2013 e atendia o público interno e externo da universidade. Eu era responsável em ministrar aulas de Capoeira Angola, que é uma das modalidades dessa manifestação cultural, e contava com uma monitora, a graduanda em Licenciatura Jéssica Karina da Silva Ferreira que além de me auxiliar nas aulas, também pesquisou o tema e produziu algumas obras acadêmicas em parceria. Inclusive seu TCC, foi orientado por mim.

FERREIRA, Jéssica Karina Silva. **Capoeira na universidade**: Apontamentos sobre o ensino desse conhecimento na formação inicial de professores de Educação Física do CEFD/UFES. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Educação Física (Centro de Educação Física e Desportos) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

Infelizmente, com a alta demanda de trabalho na graduação, na coordenação de extensão, que assumi em 2010, e nos demais projetos de extensão no qual eu estava envolvida decidi

¹³ Guaiamum também foi o nome de uma das maltas (grupo de capoeiras) mais famosas do Rio de Janeiro. As maltas disputavam de forma violenta o domínio de espaços públicos da cidade e foram consideradas como grupos criminosos. Para saber mais sobre esse assunto recomendo a leitura de Pires (1996) e Soares (1994).

encerrar o *Capoeira Angola Toca do Guaiamum*. Dessa experiência resultaram os seguintes trabalhos:

SILVA, Paula Cristina da Costa; LOUREIRO, Fábio Luiz; FERREIRA, Jessica Karina Silva. Capoeira na UFES: democratizando sua prática. In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2011, Porto Alegre. **Anais ...** Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011.

FERREIRA, Jessica Karina Silva; SILVA, Paula Cristina da Costa. Ensinando e refletindo sobre a Capoeira Angola. In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2013, Brasília. **Anais ...** Brasília: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v.1, p.1 – 3, 2013.

FERREIRA, Jessica Karina Silva; SILVA, Paula Cristina da Costa. A capoeira como um conteúdo na formação inicial em Educação Física In: XIII Congresso Espírito Santense de Educação Física, 2014, Vitória. **Anais ...** Vitória: Virtual Livros, p.221 – 221, 2014.

FERREIRA, Jessica Karina Silva; SILVA, Paula Cristina da Costa; TOLEDO, Eliana; HESS, Cássia. Capoeira e formação inicial em Educação Física: um estudo de caso. **Pensar a Prática** (online). v.22, p.01 - 20, 2019.

No ano de 2017, decidi retomar os estudos sobre Capoeira na escola e registrei o Projeto de pesquisa *A influência das religiões evangélicas nas aulas de Educação Física*. Como tratava-se de um tema polêmico, penso que por esse motivo (que não foi mencionado no parecer do pedido de bolsista) não me concederam uma bolsa de Iniciação Científica. Isso fez com que eu tivesse que adiar esse estudo até o ano de 2021 quando um grupo de professores interessados em debater esse tema aceitou o desafio e escrevermos juntos um ensaio sobre o “silenciamento” da Capoeira na escola. O tema tão contundente e que se mostrou como uma das questões presentes em meu doutorado, foi abordado com maestria e contou com a preciosa ajuda da Profa. Dra. Ana Carolina Capellini Rigoni, estudiosa da religiosidade nas aulas de Educação Física escolar. O ensaio foi publicado no ano passado em duas partes nos Cadernos de formação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Abaixo sua referência:

SILVA, Paula Cristina da Costa; RIGONI, Ana Carolina Capellini; MENDONÇA, Giuliano P. A.; TOLEDO, Eliana. O silenciamento da Capoeira e o racismo religioso nas aulas de Educação Física escolar (Parte I). Florianópolis, **Cadernos de Formação RBCE**, v.14, p.79 - 92, 2023.

SILVA, Paula Cristina da Costa; RIGONI, Ana Carolina Capellini; MENDONÇA, Giuliano P. A.; TOLEDO, Eliana. O silenciamento da Capoeira e o racismo religioso nas

aulas de Educação Física escolar (Parte II). Florianópolis, **Cadernos de Formação RBCE**, v.14, p.93 - 103, 2023.

Atualmente, estou um pouco afastada dos estudos sobre Capoeira, pois a vida vai tomando novos rumos e nos leva para outros caminhos. Entretanto, pude organizar juntamente com a Profa. Dra. Livia Pasqua e Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa um dossiê para a Revista Conexões, abaixo a referência do texto de apresentação:

PASQUA, L. P. M.; MWEWA, C. M.; SILVA, P. C. C. O que pode o corpo-capoeira na contemporaneidade. **Revista Conexões**, Campinas: v.21, p. 01 - 15, 2023.

Para encerrar, vale mencionar que, como pesquisadora da Capoeira na área da Educação Física, fui uma das pioneiras e pude abrir caminhos para outras colegas adentrarem no mundo capoeirístico que ainda se mostra bastante machista e misógino. Com o meu trabalho espero que eu tenha contribuído positivamente na valorização dessa manifestação da cultural corporal que tanto admiro e sou fascinada. Que venham novas gerações para seguir nesses estudos e que eu ainda possa contribuir com mais produções sobre o tema.

2.2. EDUCAÇÃO INTEGRAL E SUAS FASES DE IMPLANTAÇÃO NO BRASIL: APRENDIZADOS EM DOIS MOMENTOS DISTINTOS

No ano de 2014 eu participei, como coordenadora, juntamente com os colegas Prof. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha e Prof. Dr. Antônio Carlos de Moraes, de uma Formação Continuada para todos os professore(a)s das redes públicas do Espírito Santo com a finalidade de discutir a Educação em Tempo Integral e sua implantação por meio do Programa Mais Educação. Esse programa, por sua vez, foi incentivado e financiado pelo governo Federal com vistas à implementação do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014), em sua meta nº06, que estabelece a oferta de educação em tempo integral em, no mínimo, 50% das escolas públicas para atender, pelo menos, 25% dos estudantes da Educação Básica.

Com isso, é visto que no estado do Espírito Santo, o Programa Mais Educação foi o primeiro passo a ser dado no sentido de cumprir o PNE. Nesse momento histórico a Educação Integral nas escolas do ES ocorria principalmente por meio do contraturno

escolar, oferecendo, na maioria das vezes, oficinas de variados interesses formativos, de acordo com o contexto social escolar.

Nesse sentido, foi oferecida uma formação de 6 meses, no formato semipresencial, com 180 h., para 600 participantes entre professore(a)s, oficineiro(a)s e gestores escolares. Ele(a)s se dividiram em três cursos de livre adesão: Escola e Cidade para uma Educação Integral e integradora; Propostas Curriculares para a Educação Integral e Docência em escola de ensino integral. Esses participantes frequentavam os 27 polos da Secretaria de Educação a Distância da UFES, nos municípios do ES durante o oferecimento das atividades e ao final dos cursos foi organizado um grande encontro presencial no CEFD/UFES, nos dias 05 e 06/12/2014, com mesas de debates e 16 oficinas temáticas. Desse trabalho foi possível produzir os seguintes materiais:

Livros organizados

ROCHA, L. A. O; MORAES, A. C.; SILVA, P. C. C. **Educação integral no Espírito Santo**: contribuições para a arte do corpo e do espaço. Vitória: GM Gráfica & Editora, 2016.

ROCHA, L. A. O; MORAES, A. C.; SILVA, P. C. C. **Educação integral no Espírito Santo**: docência, propostas curriculares e cidades. Vitória: GM Gráfica & Editora, 2016.

Capítulos de livros publicados

PINTO, L. G. S.; SILVA, P. C. C.; SILVA, J. A. A Capoeira e suas possibilidades de ensino In: ROCHA, L. A. O; MORAES, A. C.; SILVA, P. C. C. **Educação integral no Espírito Santo**: contribuições para a arte do corpo e do espaço. Vitória: GM Gráfica & Editora, p. 145 – 158, 2016.

ROSA, S. P.; PINHEIRO, A.; SILVA, P. C. C. A Ginástica Para Todos na Educação Integral: possibilidades para seu ensino-aprendizado In: ROCHA, L. A. O; MORAES, A. C.; SILVA, P. C. C. **Educação integral no Espírito Santo**: contribuições para a arte do corpo e do espaço. Vitória: GM Gráfica & Editora, p. 125 – 136, 2016.

SILVA, P. C. C. Docência em Escola de Ensino Integral: metodologia de trabalho e reflexões In: ROCHA, L. A. O; MORAES, A. C.; SILVA, P. C. C. **Educação integral no Espírito Santo**: contribuições para a arte do corpo e do espaço. Vitória: GM Gráfica & Editora, p. 49 – 62, 2016.

Trabalhos publicados em anais de eventos

SILVA, P. C. C.; ROCHA, L. A. O; MORAES; ALMAGRO, J. La formación permanente del profesorado para la Educación Integral y su relación con la Educación Física In: I Congreso Internacional en Investigación y Didáctica de la Educación Física y II Jornadas de Investigadores en Didáctica de la Educación Física, 2016, Granada. **Libro de actas del I Congreso Internacional en Investigación y Didáctica de la Educación Física y**

II Jornadas de Investigadores en Didáctica de la Educación Física Granada: ADDIJES, 2016, v.1, p.125 – 131.

Após dez anos, em meio as mudanças de governo, incluindo as gestões de desmonte das políticas públicas do Governo Temer (2016-2018) e Governo Bolsonaro (2018-2022), foi retomado pelo Governo democrático popular do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2023 – até o momento), as ações para a implantação da meta nº06 do PNE. E, novamente, houve o esforço por parte do Ministério da Educação em promover, por meio de formação continuada, agora destinadas aos gestores, um curso visando a formulação de políticas municipais para a implantação e permanência do atendimento da Educação Integral no país.

Assim, em maio de 2024, após seleção para participar como educadora no Curso denominado Educação de Tempo Integral (ETI), me integrei ao corpo docente de formadores da equipe do Espírito Santo, novamente na parceria dos colegas de trabalho Luiz Alexandre Oxley da Rocha e Antônio Carlos de Moraes. Vale mencionar que, dessa vez, o curso foi em nível nacional e compusemos a equipe de formadores da região sudeste juntamente com São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Ele foi oferecido no modelo semipresencial e contou com aproximadamente 150 cursistas do ES. Fiquei responsável por uma turma de 35 cursistas de 12 municípios e, ao longo do curso, refletimos sobre a proposta de Educação Integral. Essa, por sua vez, se diferenciou da de 2014, no qual as atividades ocorriam em sistema de “contraturno”, e passou a ser implementada como um currículo único, pensado a partir das necessidades de cada escola e ano escolar, compondo o total de no mínimo sete horas de permanência do(a)s estudantes na escola.

O curso foi tomando forma à medida que, no decorrer dos encontros síncronos e encontros presenciais, os cursistas foram trocando experiências e dialogando sobre seus contextos sociais, elencando as dificuldades e desafios de suas realidades, nos ciclos escolares de diferentes níveis.

Ao final do curso cada equipe municipal elaborou um artigo sistematizando e analisando as aprendizagens desenvolvidas visando divulgar a experiência do Programa Escola de Tempo Integral de seu município. Com a avaliação realizada pela coordenação geral do programa, em outubro de 2024, houve uma perspectiva de continuidade no oferecimento dessa formação continuada com vistas a atender mais gestores municipais, bem como gestores escolares e professores da rede pública de ensino.

A Educação de Tempo Integral é uma realidade em vários países do mundo e que vem, há anos, apostando em um tipo de Educação não fragmentada e humanística. Aqui no Brasil o esforço também é feito há bastante tempo visando atender, prioritariamente, a população periférica e pobre dos grandes centros urbanos, como os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), do Rio de Janeiro, e os Centros Educacionais Integrados (CEUs), de São Paulo. Penso que, com a ação mobilizadora do Governo Federal capilarizando as leis municipais para a implantação da Educação Integral, essa realidade possa ir se tornando realidade em nosso país.

Para mim, ter vivenciado essas duas experiências, em momentos distintos, enriqueceu-me deveras, pois ampliei minha compreensão da dinâmica escolar e é notória a relevância da disciplina Educação Física e do rol das manifestações da cultura corporal na formação de crianças e jovens. Pude ter contato com propostas municipais exitosas para a Educação Integral no qual a comunidade é ponto chave para seu sucesso e considero que o Espírito Santo é um estado exemplar nesse quesito, isso porque em vários municípios as escolas de tempo integral já funcionam há tempos e vem servindo de exemplo para outros locais.

2.3. O COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE) E SUA IMPORTÂNCIA NA MINHA CONSTITUIÇÃO COMO PESQUISADORA E GESTORA

Para além do envolvimento com o ensino, pesquisa e extensão no CEFD também mantive minha participação ativa no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), que se iniciou na década de 2000, por influência do meu orientador de mestrado, o Prof. Lino Castellani Filho, que foi presidente dessa entidade científica em 2 gestões (1999/2001 e 2001/2002).

Criado em 1978, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é uma entidade científica que congrega pesquisadores/as ligados/as à área de Educação Física/Ciências do Esporte. Organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs), liderados por uma Direção Nacional, o CBCE possui representações em vários órgãos governamentais. Afiliado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o CBCE está presente nas principais discussões relacionadas à área de conhecimento.

O seu evento científico nacional, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), realizado a cada dois anos, está entre os principais do país. Além disso, são realizados periodicamente congressos estaduais e ou regionais, bem como encontros dos Grupos de Trabalho Temáticos, sempre de relevada importância e contando com ampla participação da comunidade acadêmica (CBCE).

Filiei-me ao CBCE em 2001 para apresentar um trabalho científico no Conbrace, na cidade mineira de Caxambu/MG, e conheci muitos pesquisadores da área, inclusive aqueles que também estudavam Capoeira, na área pedagógica da Educação Física. Com minha participação no *GTT Formação Profissional e mundo do trabalho*, por conta das discussões sobre a regulamentação da profissão de Educação Física face aos mestres de Capoeira, comecei a acompanhar os desdobramentos das ações implementadas por essa entidade científica referente a esse tema e passei a frequentar os eventos promovidos por ela.

Em 2006, a convite do Prof. Dr. Silvio Gamboa Sanchez (*in memoriam*) passei a fazer parte da Chapa da Secretaria Paulista do CBCE, com a função de tesoureira, cargo no qual permaneci até 2008.

Com minha vinda para Vitória/ES, encontrei no CEFD vários colegas associados ao CBCE e que mantinham um vínculo ativo participando dos GTTs. Rapidamente nos organizamos para assumir a chapa da Secretaria Estadual do CBCE, no Espírito Santo, no qual participei como secretária adjunta de 2009 a 2011 sendo Secretário o Prof. Dr. Felipe Quintão de Almeida e tesoureiro o Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes.

Nessa gestão da secretaria do ES organizamos o III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, em setembro de 2010, em Niterói, e levamos um ônibus cheio de associados, a maioria estudantes, para o evento.

De 2011 a 2013, fiz parte da Diretoria Nacional do CBCE (CBCE/ DN), no qual o Prof. Dr. Leonardo Alexandre Peyré Tartaruga, da UFRGS, assumiu como presidente. Meu cargo foi de diretora de comunicação e uma das ações que coordenei foi a reforma da página eletrônica do CBCE. Nessa gestão conheci inúmeros pesquisadores da área de todo país e América Latina. Como diretora passei a compreender melhor como a entidade funcionava administrativamente e ganhei experiência para continuar na diretoria nacional. Assim, tornei-me vice-presidente do CBCE, em 2013, na chapa comandada pela Profa. Dra. Simone Rechia.

De todo o tempo que participei do CBCE, essa gestão, como vice-presidente, foi a mais desafiadora porque juntamente com o Prof. Felipe Quintão de Almeida, na época diretor científico da entidade, concorremos com a cidade de Vitória/ES como sede do CONBRACE/CONICE de 2015. Vencemos a candidatura e começamos a nos preparar para a realização de um dos maiores congressos de nossa área. Os congressos nacionais e internacionais do CBCE ocorrem a cada 2 anos, em anos ímpares e entre esses, em cada

2 anos, pares, são organizados os congressos regionais (sul, sudeste, centro-oeste, nordeste e norte). Também são organizados outros eventos pelas secretarias estaduais e GTTs no intuito de manter os associados a par de debates e pesquisas da área.

Em 2014, a Diretoria Nacional do CBCE organizou o V Fórum de pós-graduação, de 01 a 04 de agosto, com o tema *Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física na área 21*, trazendo palestrantes nacionais, para debater no CEFD/UFES, os rumos da pós-graduação nacional. Ademais da relevância do encontro, ele foi como uma preparação para o que viria no ano seguinte.

Em 2015, logo em seu início, começaram os preparativos para o XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE)/VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) que ocorreria de 08 a 13 de setembro. Assumi como coordenadora geral do evento e foram inúmeros afazeres, reuniões, projetos a serem supervisionados, pedidos de auxílio financeiro nos órgãos do governo federal e estadual, divulgação de cada etapa do evento, desde o 1º edital de inscrições de trabalho até os detalhes do evento em si, coordenação de equipe, enfim. Praticamente, todo um ano dedicado para a preparação e execução do XIX Conbrace e VI Conice.

Por felicidade e muito trabalho o evento foi um sucesso, com um público em torno de 1.500 pessoas, com todas as mesas de debates, apresentações de trabalhos, atividades culturais, alojamento, traslado dos participantes, gestão do projeto de extensão ocorrendo de forma adequada e esperada.

Essa gestão findou-se naquele mesmo Conbrace/Conice abrindo espaço para novos integrantes da Diretoria Nacional. Abaixo as produções bibliográficas como organizadora de livros, fruto de minha participação como gestora do CBCE/ DN:

RECHIA, S. A.; SILVA, P. C. C.; ALMEIDA, F. Q.; GAMBOA, M. F. C.; GOIS JÚNIOR, E.; ORTIGARA, V.; TARTARUGA, M. P.; PACHECO NETO, M. (Org.) **Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2015.

SILVA, P. C. C.; GEREZ, A. G.; NASCIMENTO, A. C. S.; SILVA, B. O.; LOUREIRO, F. L.; ALMEIDA, F. Q.; MACHADO, G. C.; GOMES, I. M.; MOREIRA, J.; MORO, L.; COSTA, M. D. G.; RECHIA, S. A. (Org.) **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte**, ed.1. Florianópolis: Editora da Tribo, v.1, 2016.

SILVA, P. C. C.; GEREZ, A. G.; NASCIMENTO, A. C. S.; SILVA, B. O.; LOUREIRO, F. L.; ALMEIDA, F. Q.; MACHADO, G. C.; GOMES, I. M.; MOREIRA, J.; MORO, L.; COSTA, M. D. G.; RECHIA, S. A. (Org.) **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte**,

ed.1. Florianópolis: Editora da Tribo, v.2, 2016.

Entretanto, minha história com o CBCE não se encerrou naquele momento. Em 2023, organizei junto com os associados Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho e Profa. Ms. Camilla Maria Mello Toledo a chapa “Sempre em frente” e assumi em setembro de 2023 como Secretária Estadual do CBCE/ES. As tarefas principais dessa chapa são mobilizar os associados do ES após o período de pandemia, promover ações de divulgação científica e participar dos debates sobre o Plano Estadual de Esporte e Lazer, uma vez que o CBCE tem assento no Conselho Estadual de Esporte e Lazer. Portanto, meu vínculo com essa entidade científica é muito significativo e me fez aprender muito como pesquisadora e gestora. E, para além do trabalho, foi por meio do CBCE que estabeleci laços de amizades fraternas durante todo o período em que atuei.

Como dizemos em todo 17 de setembro, data de sua fundação: Vida longa ao CBCE!

2.4. O PÓS-DOCTORAMENTO (*PÓS-DOC*) E MEU DESEJO DE SER PROFESSORA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Por meio de um edital da *Fundación Carolina*¹⁴, fui contemplada com uma bolsa de estudos para a Universidade de Almería (UAL), no sul da Espanha, em 2016. Todavia, vencer esse edital foi o final de um processo que se iniciou em 2013 quando conheci o Prof. Dr. Álvaro Sicília Camacho, professor da UAL, que veio ao Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF), do CEFD/UFES fazer uma visita técnica.

Esse professor estuda Psicologia da Educação no contexto da Educação Física escolar e suas pesquisas, que contam com análises estatísticas, são publicadas em revistas conceituadas. Até aquele momento eu ainda não havia conseguido me vincular ao Programa de pós-graduação *Strictu Sensu* do CEFD/UFES, pois não tinha um grupo de pesquisa sólido para realizar publicações com periodicidade.

Na verdade, até 2013, eu ainda estava tateando meu lugar como professora universitária, e com a vocação extensionista, foi difícil me adequar a lógica produtivista da pós-graduação (e até hoje não consegui me adequar), ainda mais desenvolvendo pesquisas de

¹⁴ A *Fundación Carolina* é uma instituição espanhola de referência na mobilidade acadêmica e em bolsas de estudos internacionais. Ela conta com os cursos pós graduação, universidades e centros de formação de excelência para o oferecimento de bolsas e promove a internacionalização científica da Espanha e de países da América Latina. Para saber mais, consulte sua página eletrônica: [Fundación Carolina - página de Inicio - Fundación Carolina](#).

cunho pedagógico. Com poucas publicações raciocinei que valeria a pena tentar estabelecer uma nova forma de pesquisar de forma qualitativa e, assim, me aproximei do Prof. Álvaro Sicilia.

Durante os anos de 2013, 2014 e 2015 pude ir em congressos internacionais sediados em Portugal e Espanha para conhecer as produções acadêmicas dos países da Península Ibérica. Por me comunicar bem em espanhol não era existente a barreira linguística para desenvolver meus estudos na Espanha. Após várias visitas ao *Grupo de Investigación Contextos en el aprendizaje escolar en Educación Física y hábitos de Salud* (HUM-628), da UAL, construí um projeto de pesquisa e fui, em dezembro de 2015, realizar meus estudos de pós-doutoramento.

O título da pesquisa foi *Razões para ser professor de Educação Física: uma análise comparativa das motivações dos estudantes no Brasil e na Espanha* e baseou-se nos estudos da motivação acadêmica de estudantes fundamentado na Teoria da Autodeterminação (TAD) de Deci & Ryan (1985, 2000). Antes de ir para a Espanha coletei dados dos estudantes do CEFD/UFES, a partir de uma escala de motivação acadêmica e a escala de intenção futura em ser professor de Educação Física. Na Espanha, refiz essa tarefa junto aos estudantes de Educação Física da UAL.

Durante os 6 meses iniciais na Espanha aprendi a trabalhar com o tratamento de dados estatísticos e convivi com os colegas de laboratório da UAL aprendendo mais sobre as teorias da TAD e a metodologia de trabalho que adotam. Os últimos seis meses me mudei para a cidade de Granada/Espanha e passei a frequentar as aulas de estatísticas do curso de Educação Física, da Universidade de Granada. Durante minha formação nunca havia estudado estatística, com exceção das aulas de matemática da Educação Básica. Até hoje não lido bem com as fórmulas e interpretações estatísticas, mesmo me empenhando tanto durante o pós-doc.

Em um ano de pós-doutorado aprendi muito em como um laboratório de estudos funciona para dar conta do produtivismo acadêmico e, definitivamente, me convenci que minha vocação não era essa. A experiência foi excelente, pois aprimorei o uso da língua espanhola e passei a me apropriar melhor de textos em inglês, uma vez que a maioria do material produzido relativo a TAD está na língua inglesa. Ademais, viver em um país estrangeiro faz com que redimensionemos nossa cultura e estabeleçamos novos laços de trabalho e de amizades. Desse período foi possível produzir os seguintes trabalhos acadêmicos:

Artigos

BURGUEÑO, R.; CUETO-MARTÍN, B.; MORALES-ORTIZ, E.; SILVA, P. C. C.; MEDINA-CASAUBÓN, J. Clarifying the influence of sport education on basic psychological need satisfaction in high school students. **Motricidade**, Portugal, v.14, p.48 - 58, 2018.

SILVA, P. C. C.; SICILIA-CAMACHO, A.; BURGUEÑO-MENGIBAR, R.; LIROLA-MANZANO, M. J. Motivación educativa en la formación inicial del profesorado de educación física // Academic motivation in the initial training of physical education teachers. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, Madrid, v.18, p.537 - 554, 2018.

Trabalhos em congressos

Burgueño-Menjíbar, R.; SICILIA-CAMACHO, A.; Casaubón, J.M.; Alcaraz Ibañez; LIROLA, M. J.; SILVA, P. C. C. Estudio Preliminar de las Propiedades Psicométricas de la Escala de Eficacia Docente Percibida en el Contexto Español In: CIMIE 16 – Educational Research with Social Impact, 2016, Sevilha. **Libro de actas ...** Sevilha: Creative Commons 4.0 International License, 2016, v.1, p.1 - 16

FREITAS, G. E. B.; HESS, C. M.; SILVA, P. C. C. Teoria da Auto-determinação e educação física escolar. In: II Seminário Internacional de educação autoregulada e motivação, 2020, Campinas. **Anais ...** Campinas: Galoá, 2020, v.1, p.123942 – 123942

Orientação de Iniciação Científica e de trabalho de Conclusão de curso:

FREITAS, G. E. B. **Razões para ser professor de Educação Física:** as motivações dos estudantes em Vitória/Brasil. 2016. Iniciação científica (Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo

FREITAS, G. E. B. **As produções em língua portuguesa sobre a teoria da autodeterminação e a Educação Física escolar.** 2017. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2017.

2.5. FINALMENTE, SOU UMA PROFESSORA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU*

Conforme afirmei, notei que ser uma professora de um curso de pós-graduação *strictu sensu* nos moldes produtivistas exigidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na área 21, que abrange a Educação Física, não faria parte de minha vocação. Sei que tenho muito a contribuir com a ciência do país, assim como vários(a)s colegas mas não há como negar que se tornar uma professora de pós-

graduação exige dedicação e tempo para estudar de forma aprofundada, orientar um número de estudantes determinados pelos programas os quais estamos vinculados, ministrar aulas no curso de pós-graduação e, para mim, o mais difícil: transformar meus/minhas orientando(a)s em pesquisadore(a)s produtivo(a)s, ao ponto de sustentarem a pontuação do programa de pós-graduação e minha permanência nesse programa.

Não me considero uma pessoa preguiçosa, pelo contrário, acho que produzo muito em termos acadêmicos, mas a exigência de produção estabelecida pela área 21 da Capes, que é vinculada à área da saúde, faz com que nós, da área pedagógica da Educação Física, cumpramos uma meta difícil de ser atingida no quadriênio. Afinal, trata-se de concorrer com os laboratórios da biodinâmica que produzem artigos em uma grande velocidade, pois lidam com experimentos biológicos e, em contrapartida, nós lidamos com um outro horizonte de pesquisa e concepção de mundo, no qual a velocidade de produção de artigos não é o mesmo que o tempo de vida de uma cobaia.

Diante disso, minha entrada como professora na pós-graduação ocorreu em 2018, por meio de uma nova proposta, que se concretizou em nível nacional: o Mestrado Profissional em Educação Física.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) (2023, p. 5):

[...] o ProEF é um curso presencial no formato híbrido, com oferta nacional, realizado por uma rede de Instituições de Ensino Superior (IES) no contexto da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e coordenado pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) desde 2018. Foi o décimo curso oferecido pela CAPES no âmbito de Programas de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Educação Básica (PROEB-2011), o qual tem por objetivo a formação continuada em nível *Stricto Sensu* dos professores em exercício nas redes públicas da Educação Básica.

Ele é constituído por uma rede nacional de 24 Instituições de Ensino Superior, incluindo nesse caso, o Polo CEFD/UFES, sendo sua coordenação nacional realizada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). No CEFD/UFES o programa conta com 10 professores e se iniciou em 2018 atendendo as 2 linhas de pesquisa proposta pelo programa nacional, a saber: Formação, intervenção e profissionalidade docente e Abordagens Metodológicas e processos de ensino e aprendizagem.

Minha participação no programa se dá na disciplina obrigatória *Seminários de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental* e na disciplina

optativa compartilhada com a Profa. Ana Carolina Rigoni, *Ensino das práticas corporais de aventura*.

O processo do mestrado profissional que é vivido pelos estudantes consiste em cursar as disciplinas no modo virtual e presencial e desenvolver uma pesquisa de temas relativos ao cotidiano escolar do professor pesquisador que atua nas escolas públicas, sem se desvincular de seu local de trabalho durante o curso. Nesse sentido, desenvolve-se uma pesquisa de campo que é registrada por meio de uma dissertação e, além disso, é exigido um produto de cunho educativo derivado da pesquisa. Durante esse período em que estive no programa pude orientar os seguintes trabalhos de conclusão de curso:

SILVA, Daniela Fernanda Rodrigues. **O processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: pensando e repensando a Educação Física**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física), Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2020.

CALIMAN, Danielly Gomes. **Circu-lando na escola: uma proposta pedagógica do ensino do circo**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física), Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2023.

DANIEL, Talita Bernardo Sodré Esteves. **Possibilidades de um planejamento integrado na Educa o Infantil: a Educa o Física em foco**. 2023. Disserta o (Mestrado Profissional em Educa o Física), Centro de Educa o Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2023.

DEL PIERO, Francini Miranda Soares. **O currículo da educa o infantil: olhares e práticas da educa o física**. 2024. Disserta o (Mestrado Profissional em Educa o Física), Centro de Educa o Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2024.

E. atualmente, oriento os seguintes professore(a)s:

Marcelo Peçanha Pereira. **O desenvolvimento das práticas corporais de aventura nas aulas de Educa o Física**. 2024. Disserta o (Mestrado em Educa o Física) - Universidade Federal do Espírito Santo

J natas Faria Cardoso. **Possibilidades de uma prática pedagógica inovadora na Educa o Física escolar**. 2024. Disserta o (Mestrado em Educa o Física) - Universidade Federal do Espírito Santo

Ayla Giesti Ribeiro. **A cultura corporal nos campos de experiência: o protagonismo dos professores da rede de Vila Velha/ES**. 2023. Disserta o (Mestrado em Educa o Física) - Universidade Federal do Espírito Santo

José Ednaldo da Silva. **Desafios enfrentados pelos professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil no município de Serra/ES**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo

Também foi possível publicar um capítulo de livro em conjunto com a Mestra Daniela Fernanda R. da Silva

SILVA, Daniela Fernanda R.; SILVA, Paula Cristina da Costa. A importância do "se-movimentar" para as crianças de seis anos na transição para o ensino fundamental In: ALMEIDA, Ueberson R.; RIGONI, Ana Carolina C.; FIGUEIREDO FILHO, Nelson de Andrade. **Educação Física Escolar: intervenção, pesquisa e produção do conhecimento**. São Paulo: Dialética, 2022, p. 51 - 76.

E foram produzidos os seguintes trabalhos publicados em anais de eventos:

SILVA, Daniela Fernanda R.; SILVA, Paula Cristina da Costa. As aulas de Educação Física em um processo de transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte (XXI CONBRACE E VII CONICE), 2019, Natal. **Anais ... Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, 2019, v.21, p.1572 – 1573

CALIMAN, Daniela G.; SILVA, Paula Cristina da Costa. Circu-lando na escola: uma proposta pedagógica do ensino do circo. In: XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2023, Fortaleza. **Anais ... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará**, 2023, v.1, p.1 - 3

DANIEL, Talita B.S. E.; SILVA, Paula Cristina da Costa. Planejamento integrado na educação infantil – A educação física em foco In: II Congresso Internacional de Educação Física Escolar, 2024, São Paulo. Cuiabá: **Revista Corpoconsciência**, 2024, v.1, p.1 – 1.

A experiência nesse programa de pós-graduação tem se mostrado muito frutífera e satisfatória, visto que tem colaborado para potencializar as produções acadêmicas da área pedagógica da Educação Física, tanto no Espírito Santo como em diferentes partes do Brasil. O PROEF tem se mostrado um importante programa de acolhimento aos professores de Educação Física que acreditam no potencial educativo dessa área na escola e, também, a nós pesquisadores do campo da Educação Física em âmbito didático-pedagógico.

Desse modo, com a esperança de continuar ainda por muitos anos lecionando no PROEF, encerro esse capítulo e passo a tratar do conhecimento que me consolidou como professora universitária no CEFD/UFES, a Ginástica.

3. GINASTICANDO... A RELEVÂNCIA DA GINÁSTICA COMO ALICERCE DAS MINHAS AÇÕES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

No primeiro semestre de 2009, diante da necessidade de ocupar minha grade horária com atividades de ensino, uma vez que eu ainda estava começando meus projetos de pesquisa e extensão, assumi uma disciplina de 30h. e mais duas disciplinas de 60h. cada, dentre elas a de “Fundamentos da Ginástica”, do curso de Bacharelado.

Com o afastamento da Profa. Dra. Fernanda Paiva para a coordenação do Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício no Ensino Fundamental e/ou no Ensino Médio – Pró-Licenciatura (Prolicen)¹⁵ fiquei responsável por ministrar as aulas que tratavam do conteúdo ginástico, que antes era de sua responsabilidade.

O trabalho com o ensino da Ginástica na graduação foi desenvolvido ininterruptamente de 2009 a 2015. Durante esses anos, três currículos diferentes do curso de Licenciatura foram oferecidos pelo CEFD, um que estava em fase final quando cheguei e outro que iniciou sua implementação um pouco antes de minha entrada no CEFD passando por uma reforma em 2014.

Nesse percurso a disciplina *Conhecimento e metodologia do ensino da ginástica (CMEG)*, voltada para o eixo de “conhecimento específico da área”¹⁶, foi a que mais tive afinidade e pude oferecê-la para várias turmas. Ademais, também ministrei as disciplinas *Oficina de Docência de Ginástica Geral (ODGG)*, *Oficina de Docência em Ginástica Geral/Ginástica Acrobática e ATIF da Docência em Ginástica*¹⁷. Outras disciplinas complementares do eixo curricular “pesquisa na Educação Física” alavancavam ações de estudos dirigidos, como as *Seminário de estudos: o estudo das atividades da cultura corporal gímnicas*, *Seminário de estudos: prática de pesquisa I*, *Seminário de Estudos: o estudo das atividades da cultura corporal gímnicas e rítmicas*, *Educação Física e Linguagens I e II*, *Educação Física e Cultura Escolar II*, *Educação Física e programas sociais I*.

¹⁵ O Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício no Ensino Fundamental e ou no Ensino Médio – Pró-Licenciatura (Prolicen) era um curso semi-presencial de Licenciatura em Educação Física, realizado durante os anos de 2008 a 2013, com sua sede no CEFD/UFES e com 10 polos da Universidade Aberta do Brasil (UAB) distribuídos por todo o estado do Espírito Santo. O programa formou em torno de 130 professores de Educação Física.

¹⁶ De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura do CEFD (2014) a estrutura curricular é composta por disciplinas obrigatórias que compõe o que é chamado de “Formação comum” que trata de conhecimentos que abordam o ser humano em diferentes faixas etárias em um contexto cultural, social, político e econômico no âmbito educacional. Também há as disciplinas de conhecimento de área que permitem que o estudante compreenda o rol de manifestações da cultura corporal que pode ser desenvolvido no ambiente escolar. Essas disciplinas têm carga de 60 horas/aula.

¹⁷ As oficinas de docência têm a carga de 30 horas e visam permitir que o(a) estudante vivencie os objetos de ensino com ênfase na experimentação docente. As disciplinas denominadas Atividade Interativa de Formação (ATIF) é a unidade curricular que estabelece uma ponte entre as Oficinas de Docência e as disciplinas de conhecimentos específicos de 60 horas, tais como Conhecimento e Metodologia do Ensino da Dança, das Lutas, do Jogo, das Ginásticas e dos Esportes Coletivos articulando o conhecimento experiencial com a reflexão sistemática (PPC, 2014).

No início, minha familiaridade com a modalidade Ginástica para Todos era meu trunfo pois eu ainda não tinha muito conhecimento das demais práticas gímnicas. Então eu comecei a estudá-las e elegi àquelas vinculadas à Federação Internacional de Ginástica (FIG) com a consciência que nem todas poderiam ser abordadas de forma aprofundada. Diante disso, optei em tratar da Ginástica Artística (GA), Ginástica Rítmica (GR), Ginástica Acrobática, Trampolim Acrobático e Ginástica Para Todos (GPT), proporcionando aos aluno(a)s um contato inicial com as ginásticas federadas que muitos só conheciam assistindo pela televisão.

A ideia era ministrar práticas de iniciação às modalidades escolhidas aliadas aos estudos históricos da Ginástica, a questões relativas à segurança e adaptação de equipamentos e espaços. Outrossim, fomentar a transposição didática refletindo sobre essas experiências e como elas poderiam se transformar em aulas para a Educação Física escolar.

Com o oferecimento das disciplinas no decorrer de 2009 e início de 2010 os estudantes, entusiasmados com as vivências e em poder usufruir de uma sala de ginástica artística equipada, passaram a solicitar que eu os acompanhasse fora do horário das disciplinas para treinar e aprender mais. Por consequência, em 2010, registrei no sistema da Pró reitoria de extensão da UFES o projeto Laboratório de ginástica - Labgin, que oferecia atividades gímnicas para a comunidade interna e externa, para um público de jovens a partir dos 16 anos, nas terças e quintas-feiras, das 17h. às 18h. Dessa vertente, surgiu o Grupo Ginástico Labgin que funciona até hoje. Também era oferecida uma escolinha de Iniciação à Ginástica com duas turmas, às quartas e sextas, sendo uma das 14 às 16h. e outra das 16 às 18h., atendendo um total de 40 alunos, com faixa etária de 7 a 12 anos.

Esse projeto de extensão foi meu alicerce nos primeiros anos de CEFD/UFES, pois foi com ele que me aproximei do(a)s estudantes da graduação para além das aulas e construímos um grupo interessado em se aprofundar nos estudos e práticas das ginásticas. Um ponto que também colaborou com o envolvimento de vários discentes no projeto foi o oferecimento da disciplina Estágio supervisionado em Educação Física e Lazer, para o curso de Bacharelado, no qual durante os semestres de 2014/02, 2015/01 e 2015/02 eu recebia em torno de 15 estudantes para atuar sob minha supervisão na escolinha de iniciação à ginástica.

Os frutos desse trabalho permitiram que meus/minhas aluno(a)s e eu produzíssemos pesquisas, artigos, capítulos de livros, apresentássemos trabalhos e composições coreográficas em eventos nacionais e internacionais e fôssemos considerados um dos melhores projetos de extensão da UFES no ano de 2013.

Foi o Projeto Labgin que anos mais tarde deu nome ao laboratório que sou líder. Também foi por meio dele que pela 1ª vez como docente, pude aliar ensino-pesquisa-extensão, tal como eu havia vivenciado na graduação. Abaixo, em ordem cronológica, as produções derivadas dos 7 anos iniciais de docência tratando do tema da Ginástica.

Artigos completos publicados em periódicos

SILVA, P. C. C.; DIAS, F. S. A abordagem do conhecimento ginástica nos cursos de bacharelado em educação física na cidade de Vitória/ES. **Revista Guará**, v.2, p.4 - 21, 2015.

Capítulos de livros publicados

ROSA, S. P.; Pinheiro, A.; SILVA, P. C. C. A Ginástica Para Todos na Educação Integral: possibilidades para seu ensino-aprendizado In: **Educação integral no Espírito Santo: contribuições para a arte do corpo e do espaço**. Vitória: GM Gráfica & Editora, 2016, v.2, p. 125 - 136.

Livro organizado

TOLEDO, E.; SILVA, P. C. C. **Democratizando a Ginástica**: Estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. Jundiaí: Fontoura, 2013.

Trabalhos publicados em anais de eventos

SILVA, P. C. C.; BASTOS, A. P. E.P.; Correia, L. M.; CÂNDIDO, V. B. Da história da ginástica à Ginástica Geral: quais as expectativas e apreensões sobre ginástica de estudantes de Educação Física do CEFD/UFES. In: V Fórum Internacional de Ginástica Geral, 2010, Campinas. **Anais ...** Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2010, v.4, p.298 – 304.

SILVA, P. C. C.; JACOB, A. R.; SARMENTO, G.R.; SILVA, Y.R. Escolinha de Iniciação à Ginástica: um projeto de extensão em prol da democratização da Ginástica. In: VI Fórum Internacional de Ginástica Geral, 2012, Campinas. **Anais ...** Campinas: Unicamp, 2012, v.5, p.349 – 355.

SILVA, P. C. C.; ROSA, S. P.; PINHEIRO, A.; DIAS, F. S. O processo de composição coreográfica em Ginástica Geral em um projeto de extensão universitária para crianças. In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2013, Brasília. **Anais ...** Brasília: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2013, v.1, p.1 – 2.

SILVA, P. C. C.; ROSA, S. P.; Neves, L.N.S.; DIAS, F. S. Grupo ginástico Labgin: sob a ótica de seus participantes. In: VII Fórum Internacional de Ginástica para Todos, 2014, Campinas **Anais ...** Campinas: FEF/UNICAMP: SESC, 2014, v.1, p.338 – 341.

SILVA, P. C. C.; DIAS, F. S.; Lirola, M. J. Estudio sobre la gimnasia en los cursos de Educación Física en Vitória - Estado del Espírito Santo/Brasil In: I Congreso Internacional en Investigación y Didáctica de la Educación Física y II Jornadas de Investigadores en Didáctica de la Educación Física, 2016, Granada. **Libro de actas...** Granada: ADDIJES, 2016, v.1, p.132 – 139

SOUZA, A. S. S.; SILVA, P. C. C.; OLIVEIRA, M. A ginástica para todos e os saberes gímnicos na formação inicial de professores de educação física. In: VIII Fórum

Internacional de Ginástica para Todos, 2016, Campinas. **Anais ...** Campinas: FEF/UNICAMP : SESC, 2016, v.1, p.75 – 77.

NEVES, L.N.S.; OLIVEIRA, M.; SILVA, P. C. C. As contribuições de um grupo de ginástica para todos no processo de formação dos acadêmicos de educação física. In: VIII Fórum Internacional de Ginástica para Todos, 2016, Campinas. **Anais ...** Campinas: FEF/UNICAMP : SESC, 2016, v.1, p.95 – 97.

DIAS, F. S.; SILVA, P. C. C. Da ginástica rítmica para ginástica moderna de *performance* e suas relações com a ginástica para todos. In: VIII Fórum Internacional de Ginástica para Todos, 2016, Campinas. **Anais ...** Campinas: FEF/UNICAMP: SESC, 2016, v.1, p.113 – 115.

OLIVEIRA, M.; SILVA, Y.T.G.; SILVA, P. C. C. Em busca de uma ginástica para e por todos: a Ginástica Geral no Grupo Ginástico Labgin. In: VIII Fórum Internacional de Ginástica para Todos, 2016, Campinas. **Anais ...** Campinas: FEF/UNICAMP: SESC, 2016, v.1, p.213 – 215.

SILVA, W.F.; SOUZA, A. S. S.; SILVA, P. C. C.; OLIVEIRA, M. O lúdico na Ginástica para Todos: uma análise dos anais do fórum internacional de ginástica para todos (2001-2014) In: VIII Fórum Internacional de Ginástica para Todos, 2016, Campinas. **Anais ...** Campinas: FEF/UNICAMP : SESC, 2016, v.1, p.167 – 169.

Produção artística/cultural

Composição coreográfica: **O novo velho oeste**: onde tudo pode acontecer, 2010. Cidade das apresentações: Vitória/ES e Campinas/SP. Instituição promotora: Centro de Educação Física e Desporto. Duração: 5min. Tipo de evento: Festivais de Ginástica Geral.

Composição coreográfica: **Circulando**, 2011. Cidade das apresentações: Vitória/ES, Campinas/SP e Diamantina/MG. Instituição promotora: Centro de Educação Física e Desporto. Duração: 5min. Tipo de evento: Festivais, congressos.

Composição coreográfica: **Acorda Alice**, 2011. Cidade da apresentação: Vitória/ES. Instituição promotora: Centro de Educação Física e Desporto. Duração: 4min. Tipo de evento: Encontro.

Composição coreográfica: **Moqueca Batucada**, 2013. das apresentações: Vitória/ES, Campinas/SP. Instituição promotora: Centro de Educação Física e Desporto. Duração: 4min. Tipo de evento: Festivais, congressos.

Orientações de Iniciação Científica:

Ágatha Pinheiro. **A Ginástica na formação inicial em Educação Física**. 2013. Iniciação científica (Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Franciny dos Santos Dias. **A abordagem do conhecimento ginástica nos cursos de Bacharelado em Educação Física na cidade de Vitória/ES**. 2015. Iniciação científica

(Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo

Orientações de especialização:

BARROS, Roseane Silva. **Ginástica Geral na Educação Infantil**: análise das publicações sobre o tema nos últimos anos. 2010. Monografia (Pós-graduação *latu-sensu* Educação Física Escolar), Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

AMORIM, Elisa Bolzani de. **A Ginástica Artística como componente extracurricular na escola**: um relato de experiência. 2010. Monografia (Pós-graduação *latu-sensu* Educação Física Escolar), Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

BASTOS, Ana Paula Endlich Pereira. **A Ginástica na formação inicial em Educação Física**: um estudo no CEFD/UFES. 2013. Monografia (Pós-graduação *latu-sensu* em Educação Física para a Educação Básica), Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

Orientações de trabalho de conclusão de curso

SILVA, Gisele Eliane Costa; DELPUPO, Marashaina Sechim. **Ginástica Rítmica**: limites e possibilidades de inclusão social de crianças e adolescentes através de sua prática. 2009. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2009.

SILVA, Francielli Moreira da. **O material curricular como ferramenta no ensino da ginástica geral na educação física escolar**. 2010. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2010.

JACOB, Ariádni Reis. **O ensino aprendido da ginástica artística na escolinha de iniciação à ginástica do LABGIN e as contribuições da afetividade neste processo**. 2011. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2011.

SARTÓRIO, Miriam Peterle. **Motivação para a prática e permanência na iniciação à ginástica rítmica em escolas públicas de Vila Velha/ES**. 2011. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2011.

SILVA, Yuri Roxinol da. **Ginástica Geral em um projeto de extensão universitária: um processo de construção coreográfica com crianças**. 2011. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2011.

CORRÊA, Lígia Maria. **O processo de produção de composições coreográficas do**

LABGIN: "onde tudo pode acontecer". 2012. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2012.

FREIRE, Claudio Santana. **Uma experiência do ensino da Ginástica na Educação Infantil.** 2013. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2013.

PINHEIRO, Agatha. **A abordagem do conhecimento Ginástica nos cursos de licenciatura em Educação Física na cidade de Vitória/ES.** 2014. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2014.

SOUZA, Anna Stella Silva de. **Saberes Gímnicos: uma revisão bibliográfica.** 2015. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2015.

MELLO, Luiza Figueiredo de. **O Projeto FLICTS: a importância da Ginástica na minha formação inicial.** 2015. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2015.

DIAS, Franciny dos Santos. **A abordagem do conhecimento Ginástica nos cursos de Bacharelado em Educação Física na cidade de Vitória/ES.** 2015. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2015.

MACHADO, Joyce Kimberlly Gomes Cazoni. **Circo e Ginástica: uma proposta didático-pedagógica.** 2021. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2015.

VITÓRIA, Bianca da. **Projeto incluir, aprender e ensinar: um relato de experiência de inclusão na GPT.** 2022. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2022.

Prêmio

Honra ao mérito extensionista, da Pró-reitoria de Extensão Universitária da Universidade Federal do Espírito Santo ao Projeto de extensão Labgin, no ano de 2013.

Vale também destacar as experiências que tive no curso semi-presencial do Prolicen, no qual em 2011 ofereci a disciplina *Conhecimento e metodologia do ensino da ginástica* o que gerou um fascículo para essa disciplina:

SILVA, P. C. C. **Fascículo da Disciplina Conhecimento e Metodologia do Ensino da Ginástica**, 2011. Disponível em: [MEGA](#). Acesso em 31 out. 2024.

E, também um capítulo de livro relatando como foi essa experiência.

SILVA, P. C. C. O ensino-aprendizado da ginástica no ambiente semi-presencial: a experiência do PROLICEN – CEFD/UFES. In: **Democratizando a Ginástica**: Estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. Jundiaí: Fontoura, 2013, p. 121 - 140.

E, em 2013, retornei ao mesmo curso oferecendo a disciplina *Oficina de docência de Ginástica Geral* com a produção de mais um fascículo:

SILVA, P. C. C. Fascículo “Oficina de docência em Ginástica Geral”, 2013. Disponível em: [MEGA](#). Acesso em 31 out. 2024.

Quando em 2016 me licenciiei para realizar o pós-doutoramento no exterior, o Projeto Labgin ficou sob responsabilidade do Prof. Dr. Maurício dos Santos de Oliveira, que já vinha atuando como coordenador adjunto do Labgin desde 2013. Com a minha volta do afastamento, ele decidiu se desligar do Labgin e criou seu próprio grupo de pesquisa e projetos de extensão. Nessa ocasião, a escolinha de iniciação à ginástica ficou sob sua coordenação, com um novo nome, enquanto eu passei a coordenar somente o Grupo Ginástico. Desse período que compartilhamos a coordenação do projeto publicamos o artigo relacionado abaixo relatando um pouco da dinâmica do funcionamento do Labgin e descrevendo a metodologia de trabalho que adotávamos, bem como, ocorria a participação dos integrantes.

OLIVEIRA, Maurício de; SILVA, Yan Tavares Galdino; SILVA, Paula Cristina da Costa. Pursuing a gymnastics for all and by all. **Science of gymnastic journal**, Slovenia, v.10, p.111-122, 2018.

3.1. POSSIBILIDADES DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL PARA OS ESTUDANTES POR MEIO DA GINÁSTICA

Minha ida para a Europa no *pós-doc* possibilitou que eu fizesse algumas visitas técnicas em Universidades e instituições ligadas ao esporte e lazer, dentre os contatos estabelecidos estava a *International Sport and Culture Association* (ISCA). Essa, por sua vez, é uma instituição internacional fundada em 1995, com grande influência da cultura dinamarquesa. Ela possui uma estruturação tipo “guarda-chuva”, por se caracterizar como uma instituição que abriga outras organizações, propiciando um acordo de benefício e conagração mútuos.

Realizando a mediação entre a ISCA e a UFES foi possível o CEFD/UFES firmar convênio com essa instituição em 2017. Essa associação permite o intercâmbio de estudantes da UFES para frequentarem uma das duas *Folkhøjskoler* dinamarquesas do convênio, a de Ollerup ou a de Viborg. As *Folkhøjskoler* são um tipo de escola com ensino não-formal para adultos, em forma de internato, compreendidas na Dinamarca como uma forma de educação complementar. Ollerup, escola esta que até agora mais recebeu alunos do CEFD/UFES, foi fundada em 1920 e, tradicionalmente, desenvolve atividades formativas com ênfase nas modalidades gímnicas. Nessa escola os alunos são organizados em linhas de especialização: ginástica dinamarquesa, trampolim acrobático, *teamgym*, ginástica de academia, parkour, práticas corporais de aventura na natureza, dança moderna e esportes coletivos. Já a escola Viborg é especializada nas práticas corporais de aventura na natureza.

O convênio até hoje propiciou que 13 estudantes participassem do Programa *International Youth Leader Education* (IYLE) da ISCA. Para a concessão de bolsas de estudos parciais são abertos editais semestrais e o(a)s candidato(a)s devem comprovar engajamento, via projetos de extensão ou vivências comprovadas, em uma das áreas da cultura corporal como: dança, ginástica, práticas corporais na natureza e parkour, para serem classificados e concorrerem a uma vaga de intercâmbio. Com a mediação realizada na Europa passei a coordenar o convênio desde sua assinatura, tornando-me a representante da UFES na ISCA e dessa experiência orientei a aluna Camila Bernabé Gonçalves, ex-intercambista de Ollerup, em uma Iniciação Científica denominada “As influências da participação em um intercâmbio internacional nos egressos de Educação Física do CEFD/UFES” gerando as seguintes produções:

GONÇALVES, Camila Bernabé. **As influências da participação em um intercâmbio internacional nos egressos de Educação Física do CEFD/UFES**. 2021. Relatório de Iniciação científica (Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

SILVA, P.C.C.; GONÇALVES, C.B. Contribuições de ex-intercambistas em projetos de pesquisa e extensão de Ginástica para Todos. In: X Fórum Internacional de Ginástica para Todos, Campinas. **Anais ...** Campinas: SESC Campinas, 2022, v.10, p.147 – 149.

GONÇALVES, C.B. **As repercussões das experiências de intercâmbio internacional na formação profissional em Educação Física**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2023.

3.2. O LABORATÓRIO DE GINÁSTICA E PRÁTICAS CORPORAIS

Com um amadurecimento maior após o *pós-doc* e a reorganização de minhas atividades no CEFD/UFES, transitando por outras disciplinas e interesses, em 2017 sai do laboratório que mantinha vínculo desde minha entrada em 2009, o Práxis/Cria, e decidi fazer do Projeto de extensão Labgin um grupo de estudos denominado “Laboratório de Ginástica e Práticas Corporais¹⁸”, mantendo a já consagrada abreviatura Labgin. Embora eu tivesse adotado na época da minha pós-graduação a denominação “cultura corporal” para respaldar minhas produções acadêmicas, foi a leitura do artigo de Ana Márcia Silva, denominado “Entre o corpo e as Práticas Corporais”, que decidi adotar a conceituação de práticas corporais para atender as perspectivas investigativas as quais estava me aprofundando. Para essa autora, “Práticas Corporais”:

[...] são fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal, constituindo-se em manifestações culturais, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras. Esses fenômenos culturais que se expressam fortemente no nível corporal e que, em geral, ocorrem no tempo livre ou disponível, com importante impacto orgânico. São constituintes da corporalidade humana e podem ser compreendidos como forma de linguagem com profundo enraizamento corporal que, por vezes, escapam ao domínio do consciente e da racionalização, o que lhes permitem uma qualidade de experiência muito diferenciada de outras atividades cotidianas.

Como é possível notar, não há um distanciamento entre esse conceito e o de manifestação da cultura corporal. Pelo contrário, ele é complementar à medida que trata de ações humanas que, por vezes, impactam profundamente a constituição do repertório corporal das pessoas. Esse conceito se aproxima bastante das práticas corporais de aventura, por exemplo, e de suas manifestações como o parkour, escalada e outras práticas.

3.3. PARCERIAS E REALIZAÇÕES

Após três anos sem ministrar disciplinas que abordavam a ginástica voltei a oferecer uma das oficinas do 4º período da Licenciatura em parceria com a Profa. Dra. Fernanda Paiva. Dividíamos o trabalho desenvolvendo o conteúdo focado nas práticas gímnicas em duas disciplinas que eram oferecidas para a mesma turma, no mesmo horário, pois todo(a)s o(a)s estudantes desejavam cursar a “Oficina de Docência de Ginástica Geral (ODGG)”, mas o número de vagas era limitado e, para sanar esse problema, a “Oficina de Docência

¹⁸ Segue o link do laboratório no diretório de grupos do CNPQ: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/601748.

em Vivências Corporais” acolhia os estudantes que não conseguiam a matrícula na ODGG.

Ainda no ano de 2019 participei da comissão científica do VIII Congresso Brasileiro de Ginástica para Todos (CONGPT), em Caldas Novas, Goiás, e escrevi juntamente com Eliana de Toledo a apresentação dos Anais desse evento publicado na Revista *Corpoconsciência*.

TOLEDO, Eliana; SILVA, P.C.C. A Ginástica para Todos e suas territorialidades. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v.24, p.71 - 82, 2020.

Embora essa informação pareça desconectada, foi nesse congresso, o VIII CONGPT, que assumi junto com a direção do CEFD e a Prof. Fernanda a sede do próximo CONGPT, que seria em 2021, na cidade de Vitória.

Com a pandemia de Covid 19 Fernanda e eu continuamos a parceria com as disciplinas “Oficina de Docência de Ginástica Geral”, “Oficina de Docência em Vivências Corporais”, “Conhecimento e metodologia do ensino da ginástica (CMEG)” e “ATIF da Docência em Ginástica” no modelo de Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial – Earte. Foi um grande desafio ministrar aulas de ginástica *on line*, sem a preparação adequada, pois o isolamento social pegou a todos de surpresa. Dessa experiência produzimos o artigo:

PAIVA, F. S. L.; SILVA, P.C.C. Disciplinas de ginástica no ensino superior: o que ensinamos e aprendemos em tempos pandêmicos? **Revista didática sistêmica**, Porto Alegre, v.24, p.57 - 69, 2022.

Nesse período contávamos com o apoio de dois bolsistas do Projeto de Ensino “Aprender, incluir e pesquisar as vivências corporais e as práticas corporais de aventura na natureza” que nos ajudavam produzindo vídeos para as aulas das oficinas que ministrávamos. Uma delas, a Bianca da Vitória, decidiu tornar essa experiência seu TCC.

Bianca da Vitória. **Projeto incluir, aprender e ensinar: um relato de experiência de inclusão na GPT**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo

Ainda no contexto pandêmico participei de duas lives discutindo temas correlacionados à GPT.

Silva, Paula Cristina da Costa; OLIVEIRA, Michele de. **Papo reto com a ciência - GPT e territorialidades: Olhares históricos para Goiás**, 2020.

Silva, Paula Cristina da Costa. **Experiências e saberes da ginástica na escola**, 2020.

Em setembro desse mesmo ano eu assumi o cargo de Diretora de Esporte, Lazer e projetos especiais (DELPE), da Pró-reitoria de assuntos estudantis e cidadania da UFES (Proaeci/UFES) e reduzi a carga horária de disciplinas, incluindo as de ginástica.

Entretanto, Fernanda e eu, cumprimos o compromisso assumido em 2019. Com a pandemia tivemos que aprender a organizar um congresso no modelo à distância e, contando com o apoio das Universidade Estadual de Goiás (UEG), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e de mais 7 grupos de estudos e ginásticos das regiões Sudeste, Centro-oeste, Sul e Nordeste preparamos o evento a partir do início de 2021.

O IV Congresso Brasileiro de Ginástica para Todos (Congpt), com o tema *A GPT e sua abordagem virtual em tempos de luta e resistência* ocorreu entre os dias 04 e 06 de novembro e debateu as necessidades que professore(a)s, estudantes e praticantes de GPT vinham enfrentando com o ensino remoto e os cortes de verbas na educação. Dessa experiência apresentamos um relato de experiência no X Fórum Internacional de Ginástica para Todos, em 2022, em Campinas/SP.

SILVA, P.C.C.; PAIVA, F.S. L. Bastidores do 9º Congresso de Ginástica para Todos: o que não foi veiculado na rede mundial de computadores In: X Fórum Internacional de Ginástica para Todos, 2022, Campinas. **Anais ...** Campinas: SESC Campinas, 2022, v.10, p. 214 – 216.

Foi uma experiência exitosa e contamos com o apoio dos servidores da DELPE e CEFD para a transmissão *on line* das mesas, oficinas, apresentações de trabalhos e também foi veiculado nas redes sociais um Festival de GPT, em formato *on line*. De forma pioneira inovamos, mas é claro que preferíamos que tivesse sido um evento presencial, pois a prática da Ginástica para Todos é melhor de forma coletiva, mas ficou o aprendizado.

Para celebrar o retorno das aulas presenciais e retomar o contato com o(a)s estudantes, em 2022 assumi a “Oficina de docência em Ginástica Geral”, uma vez que todo(a)s nós estávamos ávidos por socializar após tantos meses em isolamento social. Foi muito bom ministrar essa disciplina, rever o CEFD retomando as atividades e a UFES novamente

ganhando vida, mas com a sobrecarga dos trabalhos de gestão na DELPE, ao final do semestre, decidi diminuir a carga horária das aulas e mantive meu vínculo na graduação com o “Estágio supervisionado em Educação Física e lazer”.

Desses 16 anos de trabalho no CEFD dedicados aos estudos da ginástica e demais produções relacionadas à ela, ainda vale destacar o(a)s orientando(a)s que tive o prazer de acompanhar na produção de TCCs de graduação e Iniciações Científicas nesses últimos anos. Foram eles:

MACHADO, J.K.G.C. **Circo e Ginástica**: Uma proposta didático-pedagógica. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Educação Física (Centro de Educação Física e Desportos) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

Iniciação científica

Joyce Kimberlly Gomes Cazoni Machado. **Elementos das artes circenses na Ginástica para todos**. 2020. Iniciação científica (Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Por fim, encerro essa parte do memorial mencionando que também tive a oportunidade de praticar a GPT e viver na pele as emoções que meus estudantes viviam quando iam se apresentar nos eventos. Embora eu sempre tivesse o desejo de praticar ginástica durante a minha formação inicial, essa oportunidade só veio após ter me tornado docente na Universidade e ter levado o Grupo Labgin para fazer apresentações em festivais, escolas e congressos. Essa vivência de ensaiar como participante, colaborando na elaboração da composição coreográfica e se apresentando coletivamente para grandes públicos fez com que eu repensasse as metodologias que vinha desenvolvendo com meu grupo. Notei que há diferentes formas de se organizar para a concretização dessas apresentações e aprendi muito convivendo e fazendo parte de outros grupos ginásticos na preparação para participar como integrante da delegação brasileira do World Gymnastrada. Sobre esse evento vale dizer que é o maior festival de GPT realizado a cada quatro anos no continente europeu. Ele é promovido pela Federação Internacional de Ginástica e conta com a participação de praticantes de diferentes países de todos os continentes. Desde a graduação vi colegas da FEF/Unicamp participarem desses festivais representando o Brasil pelo Grupo Ginástico Unicamp (GGU), mas não tinha tido a possibilidade de ir porque não fazia parte do GGU, uma vez que não praticava GPT na minha graduação por achar que não levava jeito para isso e, também, porque não tinha dinheiro para pagar as

despesas das viagens que são custeadas pelos participantes. Pude, então, realizar mais um sonho que foi participar de dois *World Gymnastradas*. Abaixo os festivais que participei após aceitar o desafio de me tornar praticante de GPT:

- Festival da Federação Paulista de Ginástica (GINPA), em dezembro de 2018, na cidade de São Paulo, com a composição coreográfica “Transportar e ser transportado”, do Grupo Ginástico LAPEGI da Unicamp de Limeira;

- 16ª *World Gymnastrada*, em julho/agosto de 2019, na cidade de Durbin, Áustria, com a composição coreográfica “Transportar e ser transportado”, do Grupo Ginástico LAPEGI da Unicamp de Limeira;

- Festival Ressoar, do X Fórum Internacional de Ginástica para Todos, em outubro de 2022, na cidade de Campinas, São Paulo, com a composição coreográfica “Believer”, do Grupo Ginástico LABGIN, do CEFD/UFES;

- 17o *World Gymnastrada*, em julho/agosto de 2023, na cidade de Amsterdã, Holanda, com a composição coreográfica “Refugiados”, do Grupo Ginástico Gymusp da USP, campus Butantã.

Encerro avaliando que é possível desenvolver estudos e projetos com os temas da Ginástica sem ter sido atleta, pois antes eu pensava que necessitava essa vivência antes de lecionar. Todo o aprimoramento que tive foi um pouco autodidata feito a partir de estudos, pesquisas, vivências, trocas com os estudantes e colegas professora(e)s, principalmente após minha admissão no CEFD/UFES. Vejo que, embora eu tenha aprendido muito, ainda falta lapidar o que venho fazendo até agora.

4. OS ESTUDOS DO LAZER E SUA PRESENÇA CONSTANTE NA MINHA CARREIRA

Embora eu tenha trabalhado bastante com as disciplinas pedagógicas no CEFD/UFES, eu nunca deixei de lado os aprendizados obtidos na minha primeira graduação e nos anos iniciais quando me formei. Assim, sempre que podia, ministrava alguma disciplina relacionada ao tema, para não perder o gostinho bom de trabalhar com o Lazer e Recreação. Isso também ocorria na perspectiva de não me afastar muito do curso de Bacharelado em Educação Física, uma vez que ele ocorre no período noturno e, muitas vezes, os professore(a)s que só ministram disciplinas na Licenciatura (que é no matutino) perdem totalmente o contato com os estudantes do Bacharelado. Vale mencionar que esse curso no CEFD/UFES tem uma perspectiva bem ampliada, pois busca abordar 3 eixos de atuação do profissional de Educação Física: o do treinamento esportivo, o da saúde e o do lazer.

Infelizmente, pelo tempo que venho trabalhando no Bacharelado, posso dizer que o eixo do lazer é o mais enfraquecido, pois o(a)s estudantes vem para o curso com uma expectativa de trabalhar com o treinamento esportivo e com a promoção da saúde. Mas eu e minhas colegas do campo do lazer (Ana Carolina Rigoni, Liana Romera e Ana Cláudia do Nascimento) estamos empenhadas em mostrar que o campo do lazer é promissor e que há possibilidades de se atuar e obter sucesso.

Assim, desde 2012, venho ministrando disciplinas focadas no lazer para o Curso de Bacharelado. No caso do *Estágio Supervisionado em Educação Física e Lazer* oferecido nos semestres de 2012/01, 2014/02, 2015/01 e 2015/02, o campo de estágio foi a Escolinha de Iniciação à Ginástica, do Projeto de extensão Labgin, no qual, em uma abordagem lúdica, os estudantes de graduação aprendiam a ministrar aulas para crianças. Em um curso focado majoritariamente no atendimento de adultos, jovens e idosos, proporcionar uma prática pedagógica lúdica com crianças foi uma iniciativa positiva e reconhecida pelo(a)s estudantes.

Em 2013/01 ministrei a disciplina *Educação Física, Lazer e Sociedade*, que tinha como objetivos:

- Reconhecer o papel do professor/ profissional de Educação Física como agente de lazer-educador;
- Compreender e articular diferentes práticas socioculturais para atuação no campo do lazer;

- Desenvolver conhecimento teórico/ prático para gestão e atuação em eventos de lazer;
- Elaborar, administrar e avaliar projetos de lazer no âmbito comunitário.

Essa experiência, embora tenha sido realizada em uma única ocasião, permitiu que eu relembresse e compartilhasse com o(a)s aluno(a)s várias habilidades que desenvolvi no *Projeto de (Recre)ação comunitária* e na gestão da Coordenadoria de Ação Cultural, da Prefeitura Municipal de Campinas.

Mas, dentre todas as disciplinas da área do lazer, a que foi a “divisora de águas” e abriu uma série de oportunidades para mim foi a de *Práticas Corporais na Natureza*.

4.1. PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA, UM NOVO DESAFIO PROFISSIONAL

Ao retornar do *pós-doc* concentrei minhas disciplinas majoritariamente no curso do Bacharelado e iniciei minha incursão nas Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANs) ou Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCANs)¹⁹, ministrando a disciplina optativa, de 60h., *Práticas Corporais na Natureza*, de 2017/01 até 2022/01.

Essa paixão pelas PCANs iniciou-se com o trabalho de recreacionista. Nessa ocasião, nós, “monitora(e)s de recreação” do Hotel Vale das Águas, organizávamos juntamente com uma empresa de turismo de aventura da cidade de Águas de Santa Bárbara/SP a descida do Rio Pardo de boia, o chamado *boiacross*. Em cada descida novas histórias para contar e um grande fascínio e respeito pela natureza.

Embora eu nunca tenha sido uma aventureira praticante assídua de PCANs, eu pude experimentar várias delas como: o rafting na cidade de Brotas/SP, a flutuação no Rio Sucuri em Bonito/MS, rapel em Balneário Camboriú/SC e no Morro do Moreno, em Vila Velha/ES, escalada no muro de escalada da FEF/Unicamp, canoa havaiana na Praia de Camburi, em Vitória/ES e já fiz inúmeras trilhas em lugares incríveis como nos Alpes Suíços, nas montanhas rochosas do Canadá, em Fernando de Noronha em Pernambuco, no Parque Estadual de Itaúnas, em Conceição da Barra/ES. Enfim, foram muitos lugares

¹⁹ Marinho (2017) apresenta uma série de nomenclaturas para essas atividades e práticas de aventura. Eu, particularmente, não defendo uma nomenclatura como correta e outras como inexatas, eu as adoto de acordo com o contexto de estudo e intervenção. Por exemplo, o termo “Práticas corporais de aventura”, seja no ambiente da natureza ou urbano, consta nas Base Nacional Comum Curricular e, também, é o que mais se aproxima do conceito enunciado por Silva (2014). Já o termo Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) é uma nomenclatura consagrada pelos espanhóis Betrán & Betrán (1995) e que me parece mais abrangente, uma vez que seus escritos foram os pioneiros em classificar e dar visibilidade para essas atividades.

que fizeram com que cada vez mais eu quisesse que meus estudantes também pudessem ter essa experiência e esse contato com a natureza.

Dessa maneira a disciplina *Práticas Corporais na Natureza* me trouxe um novo desafio acadêmico, o de me apropriar desse conhecimento, sistematizá-lo e proporcionar que minhas aulas fossem agradáveis, interessantes e com competência teórico-prática. Penso que consegui ser exitosa pois essa disciplina optativa, com 25 vagas, sempre era muito procurada pelos estudantes e, na maioria das vezes, eu tinha que autorizar a abertura de mais vagas (com exceção do período de EARTE/ pandêmico).

No sentido de aprimorar meus conhecimentos, iniciei um projeto de pesquisa denominado *As atividades físicas na natureza na região metropolitana de Vitória/ES*, que durou de 2018 a 2021 e que teve como objetivo construir um mapeamento de como as AFANs estavam se desenvolvendo em Vitória/ES e região metropolitana, além de analisar o perfil dos praticantes, das empresas prestadoras de serviço e dos profissionais que nela atuam. Ele foi dividido em 2 etapas e contou com duas bolsistas de Iniciação Científica:

Lara Júlia Rodrigues Marcelos. **Um estudo sobre os profissionais que atuam com as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) em Vitória/ES e região metropolitana.** 2018. Iniciação científica (Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo.

Wendalla Souza Reis. **As Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) e a qualidade de vida de seus praticantes.** 2019. Iniciação científica (Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo

Desses projetos foram produzidos os seguintes trabalhos acadêmicos:

Trabalhos publicados em anais de eventos

SILVA, P.C.C; MARCELOS, L.J.R.. O perfil dos profissionais que atuam com as Atividades Físicas de Aventura na Natureza na região metropolitana de Vitória/ES - Brasil In: VIII Congresso Ibero Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ), 2019, Lisboa. **Atas ...** Lisboa: Ludomedia, 2019, v.1, p.354 – 359

MARCELOS, L.J.R.; SILVA, P.C.C. Atividades Físicas de Aventura na Natureza em Vitória/ES - o perfil de profissionais e gestores. In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte (XXI CONBRACE E VII CONICE), 2019, Natal. **Anais ...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019, v.21, p. 3140 – 3141.

SILVA, P.C.C.; RIGONI, A.C.C.; SILVA, A. O corpo na natureza – registro de Atividades Físicas de Aventura na Natureza mm Santa Teresa/ES In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de de Ciências do

Esporte (XXI CONBRACE E VII CONICE), 2019, Natal. **Anais ... Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, 2019, v.21, p. 3959 – 3963.

SILVA, P.C.C.; MARCELOS, L.J.R.; REIS, W. S. As Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) e a qualidade de vida de seus praticantes. In: XI Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura e V Congresso Internacional de Atividades de Aventura, 2021, Goiânia. **Anais ... Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, 2021, v.1, p.1 – 1.

Artigo publicado

SILVA, Paula Cristina da Costa; MARCELOS, Lara Júlia Rodrigues. Os Profissionais de Atividades Físicas de Aventura na Natureza no Cenário Capixaba. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.24, p. 579 - 611, 2021.

Com as pesquisas sobre AFANs caminhando junto com as aulas da graduação fui descobrindo a potencialidade do Espírito Santo para essas atividades. As aulas práticas eram realizadas, em geral, fora do CEFD, pois até 2022 não tínhamos equipamentos adequados para essas vivências. Pude levar os estudantes para praticar Canoa Havaiana noturna na praia de Camburi, em Vitória/ES, Rapel no Morro do Moreno, em Vila Velha/ES e Caiaque e *Stand up Padel*, na Praia da Guardería em Vitória/ES. Também levei três turmas para Santa Teresa/ES, cidade da região serrana do Espírito Santo, para as vivências de Escalada, Arvorismo, Tirolesa e Rapel. Essas atividades tinham um custo e eram realizadas no antigo curso de Educação Física, da Escola Superior São Francisco de Assis (ESFA), promovidas pela coordenadora do curso Andreia Silva.

E nas “trilhas” que a vida vai traçando para nós, tive a oportunidade de reencontrar a Profa. Jéssica Karina Silva Ferreira, minha ex-bolsista e orientanda, para produzirmos um artigo sobre sua atuação com as práticas corporais de aventura na natureza na Educação Infantil, no município de Viana/ES, resultando no artigo:

FERREIRA, Jéssica Karina Silva; SILVA, Paula Cristina da Costa. Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Maringá, v.18, p.157 - 164, 2020.

Em minhas interações e estudos sobre as AFANs e PCANs pude orientar estudantes interessados no assunto, ajudando-me a aprimorar meus conhecimentos e resultando em produções bibliográficas e orientações como a de Victor Ferreira Araújo e Ananda Cola. Orientei Vitor em seu TCC resultando no produto:

ARAÚJO, Vitor Ferreira. **Parkour na cidade de Vitória: história e desdobramentos da prática**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) –

Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2021.

E, ainda produzimos os seguintes trabalhos:

Trabalho publicado em anais de evento

ARAÚJO, V.; SILVA, P.C.C. O PARKOUR EM VITÓRIA/ES In: XI Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura e V Congresso Internacional de Atividades de Aventura, 2021, Goiânia. **Anais ...** Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2021, v.1, p.1 – 1

Artigo publicado em periódico

Silva, Paula Cristina da Costa; ARAÚJO, Vitor Ferreira. Caminhos do Parkour em Vitória/ES. **Revista Licere**, v.25, p.163 - 185, 2022.

No caso da aluna Ananda Cola, após ela ter participado como bolsista do Projeto de ensino *Aprender, incluir e pesquisar as vivências corporais e as práticas corporais de aventura na natureza* a convidei para ser minha orientanda de TCC, já que ela gostaria de estudar o surfe feminino. Dessa orientação ela produziu:

COLA, Ananda Carvalho. **O surfe feminino na região da grande Vitória**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), 2022.

E, posteriormente, convidamos a Prof. Dra. Mariana Zuanetti Martins para colaborar na escrita do artigo:

SILVA, P. C.C.; COLA, A. C.; MARTINS, M. Z. Sozinhas no pico? Suportes e barreiras para o surfe praticado por mulheres. **Revista Corpoconsciência** (eletrônica). v.28, p. 1 - 17, 2024.

Ainda na parceria com a Profa. Mariana fomos premiadas como melhor trabalho apresentado no eixo: *Aventura, diversidade e inclusão*, no XIII Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura e VII Congresso Internacional de Atividades de Aventura, em 2024, na cidade de Petrópolis, com o resumo:

SILVA, P. C.C.; COLA, A. C.; MARTINS, M. Z. Suportes e barreiras para o surfe praticado por mulheres. In: XIII Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura e VII Congresso Internacional de Atividades de Aventura, 2024, Petrópolis. **Anais ...** Petrópolis: 2024, v.1, p.1 – 1.

Por fim, por enquanto, parei de ministrar a disciplina *Práticas Corporais na Natureza* para me dedicar totalmente à Diretoria de Esporte e Lazer e, como diretora, tive a

satisfação em colaborar na descrição do Parque de Aventura do CEFD para a sua licitação. A partir de um esforço conjunto entre a direção do CEFD/UFES e a Direção de Esporte e Lazer da Proex/UFES, o Parque de Aventura do CEFD foi instalado com o circuito de Arvorismo, Tirolesa e Parede de Escalada. A partir de 2022 os estudantes não precisaram mais se locomover até Santa Teresa/ES para aprender sobre essas modalidades de aventura porque o CEFD é a única IES no Brasil que possui um parque dessa envergadura. Espero em breve voltar a ministrar essa disciplina e retomar minhas pesquisas e ações voltadas as PCANs.

4.2. A DIRETORIA DE ESPORTE E LAZER DA UFES

Iniciei as atividades como diretora de esporte, lazer e projetos especiais, primeiramente, na Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci), em setembro de 2020.

Essa diretoria surgiu de uma demanda da gestão da UFES e sua construção se deu de forma democrática, a partir da realização de um seminário que teve como público-alvo as atléticas dos quatro campi (Alegre, Goiabeiras, Maruípe e São Mateus). Ela foi criada em 2017 e ficou lotada na Proaeci devido ao Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), que prevê em seu texto a implementação do atendimento aos estudantes e destinação de verbas para Moradia estudantil, Alimentação saudável, Transporte, Saúde, Inclusão digital, Cultura, **Esporte**, Creche e Apoio pedagógico (BRASIL, 2010).

Seu primeiro diretor fez o possível para emplacar uma política de esporte e lazer para os estudantes da UFES, mas as condições não eram favoráveis. A equipe dessa diretoria contava com quatro servidores, a saber: o diretor, um técnico em assuntos estudantis e dois técnicos administrativos. Como a Proaeci era mais nova pró-reitoria da UFES e abarcava todo o atendimento de assistência social aos estudantes de baixa renda, análise étnico-racial para concessão de vagas nos cursos de graduação e auxílios estudantis, entre outras funções, os servidores ali lotados não eram suficientes para dar conta de todo o trabalho. Inclusive, vale destacar, que os servidores da Diretoria de Esporte, Lazer e Projetos Especiais (DELPE) passavam oito meses do ano ajudando a Diretoria de Assistência Estudantil (DAE) a fazer a análise de renda dos estudantes.

Quando eu assumi o cargo estávamos vivendo a pandemia de Covid 19 e, portanto, com o distanciamento social, só conhecia meus colegas de trabalho de forma virtual. O trabalho na Proaeci não foi fácil pois percebi que nesse setor eu administrava muito mais

os projetos especiais do que ações de esporte e lazer. Durante o ano que permaneci na Proaeci coordenei os seguintes projetos para que tenham ideia do que essa diretoria fazia:

- *Concessão de bolsas de estudo de línguas estrangeiras* para estudantes de baixa renda cedidas pelo Núcleo de Línguas. Cabia a DELPE lançar o edital, selecionar e convocar os estudantes sorteados para as vagas.

- *Representações*: Fórum de Assistência Estudantil da UFES, Universidade Promotora da Saúde, Rede Brasileira de Universidade promotoras da saúde (Rebraups), Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e estudantis FONAPRACE (GTT Promoção e prevenção).

- *Apoio nas ações da Diretoria de Assistência Estudantil (DAE)*:

1. Programa de Assistência Estudantil (PROAES) na comprovação de renda de candidatos optantes pelo sistema de reserva de vagas do SISU;
2. Coordenação das inscrições e distribuição do Auxílio Inclusão Digital Internet por meio do Projeto “Alunos Conectados”, em parceria com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) do Governo Federal e dos Centros de Ensino da UFES distribuindo, via Centros de Ensino, 1.521 chips para os alunos cadastrados na RNP.

- *Auxílio Material Didático de Alto Custo*, que é um projeto que destina a quantia de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais) a estudantes do curso de Odontologia do 5o período, para cobrir suas despesas com equipamentos para que possam frequentar as disciplinas práticas do curso. Fazíamos toda parte de seleção com lançamento de edital, análise das candidaturas e acompanhamento dos contemplados.

- *Projetos Sorriso e Saúde da Mulher* que são ações de saúde que acontecem em parceria com a Diretoria de Atenção à Saúde (DAS) atendendo as estudantes com orientações referentes à prevenção contra doenças bucais e ginecológicas.

Existia também, antes da pandemia alguns projetos voltados ao esporte e lazer na universidade promovidos pela DELPE que eram:

- *Domingos de Lazer* que promovia atividades de esporte e lazer no CEFD/UFES, um domingo por mês,

- *Aulas de forró e de ginástica* ministradas por bolsistas do curso de Educação Física para os estudantes;

- *Disponibilização de materiais esportivos* (slackline e bolas) para os estudantes utilizarem no campus de Goiabeiras, em Vitória/ES,

- *Aulas de natação e organização do horário de natação “livre”*, também no CEFD

- *Apoio nas Copa UFES dos estudantes.*

Durante minha gestão a DELPE nunca recebeu nenhum repasse do PNAES, alegavam que o dinheiro repassado à UFES pelo Ministério da Educação para essa finalidade era

pouco e não poderia ser destinado ao esporte universitário. Inconformada com a situação, ainda no final de 2020, conversei com o pró-reitor responsável e solicitei alguma verba (que foi atendida com a compra de materiais como bolas e redes) e que eu pudesse destinar mais tempo dos servidores para eles me ajudarem a estruturar projetos de esporte e lazer, mesmo que virtualmente. Embora ele esboçasse boa vontade, era flagrante que as demandas da Proaeci eram maiores e faziam com que a diretoria fosse um setor “supérfluo”. Para mim, a pior situação vivida e que desencadeou as mudanças nessa diretoria foi quando o pró-reitor solicitou que, com a reformulação da pró-reitoria, a DELPE passasse também a coordenar a equipe de psicólogos da Proaeci, em seu entendimento “uma diretoria que promove a saúde do corpo também deveria promover a saúde da mente”.

Isso posto, iniciei uma série de diálogos para convencê-lo da importância do esporte e lazer e explicar que não haveria espaço na DELPE para abrigar os psicólogos. Também foi iniciada uma conversa com o gabinete do reitor para explicar a especificidade da diretoria e solicitar uma mudança do setor para outro órgão da universidade, uma vez que não tínhamos nenhum repasse financeiro e estávamos sendo sufocados por demandas que não tinham relação com o trabalho de esporte e lazer.

Ainda assim consegui no segundo semestre de 2020 que a DELPE passasse a ser campo de estágio obrigatório para estudantes do curso de bacharelado em Educação Física com a oferta da disciplina *Estágio Supervisionado em Educação Física e Lazer*, a qual, excepcionalmente, ocorreu de forma remota devido à necessidade de se respeitar medidas de biossegurança impostas pela pandemia de coronavírus.

A experiência foi muito interessante. A disciplina foi assumida por mim e pelo servidor Jefferson Muniz Tonini, como professor supervisor de estágio, que é formado em Educação Física, e como resultado do trabalho desenvolvido pelos alunos, em um primeiro momento, foram produzidos vídeos que apresentavam a participação da comunidade interna (discentes, técnicos-administrativos e docentes) em rotinas de esporte e lazer. Nos semestres seguintes (primeiro e segundo semestre de 2021) o foco dos vídeos foi dar visibilidade aos projetos de extensão voltados para o esporte e lazer da UFES. Esse trabalho resultou em 20 vídeos, legendados, que foram veiculados nas redes sociais da UFES.

Para auxiliar os docentes e estudantes nas disciplinas elaboramos o projeto de ensino *Estágio supervisionado em lazer, investigações e os desafios da inclusão em tempos de pandemia* que nos atendeu durante o ano de 2021 com dois bolsistas e que teve como

objetivo colaborar no desenvolvimento das aulas do estágio de forma a incluir aquele(a)s aluno(a)s com dificuldades de adaptação na pandemia e pessoas com deficiência nos processos formativos. Como havia a limitação das visitas presenciais aos espaços físicos do estágio supervisionado, por causa do distanciamento social, a proposta apresentada foi que os estudantes de forma remota pesquisassem e entrassem em contato com pessoas vinculadas a UFES que pudessem dar depoimentos sobre seus interesses esportivos e de lazer e, após a coleta dos depoimentos, em grupo fariam a edição e veiculariam os vídeos. Caberia aos bolsistas auxiliarem nas pesquisas, nas edições dos vídeos e na inserção de legendas visando incluir os estudantes surdos. Desse trabalho publicamos o artigo:

SILVA, P.C.C.; MARCELOS, L.J.R.; TONINI, J.M.; WENETZ, I. O estágio supervisionado em Educação Física em lazer em tempos pandêmicos e o repensar de sua prática pedagógica. **Humanidades & Inovação**, Tocantins, v.8, p.250 - 261, 2021.

Após vários diálogos e já pressentindo que eu iria ter que pedir a exoneração do cargo, caso tivesse que lidar com a gestão dos psicólogos da Proaeci, finalmente, propuseram como solução desse impasse, alocar a DELPE na Pró-reitoria de Extensão.

Assim, em novembro de 2021 a DELPE passou a ser Diretoria de Esporte e Lazer, da Pró-reitoria de extensão (DEL/PROEX), e o “pedágio” pago pela troca de setor foi a retenção de um auxiliar administrativo na Proaeci.

A DEL passou a fazer parte do organograma da Proex com três servidores, a saber, a diretora, eu, o assistente de assuntos estudantis, Jefferson Muniz Tonini e a auxiliar administrativa, Rubia de Oliveira Delboni. A partir desse momento tudo mudou e, de fato, com o fim da pandemia, a DEL fez história nos últimos anos de sua existência.

Primeiramente, posso afirmar que a Proex foi o melhor ambiente de trabalho que já tive em toda minha vida. A equipe unida e gerida pelo Prof. Dr. Renato Rodrigues Neto, do curso de Oceanografia, realizava as ações administrativas e promotoras da extensão universitária e sempre apoiou de forma irrestrita as propostas da nova diretoria. Além de trabalharmos juntos, também era hábito a equipe comemorar junta os aniversários dos servidore(a)s, festas como a junina e de Natal e confraternização de final de ano. E ainda por cima, éramos uma pró-reitoria na qual a maioria eram servidoras, daí a brincadeira de que o setor se chamava PROEXA.

Desse modo emplacamos vários projetos pois minha estratégia foi a de dar visibilidade à diretoria de modo que ela se tornasse bem-vista pela Universidade e fosse consolidada como um setor importante de promoção da saúde, do lazer, da qualidade de vida e da

socialização. Diferente das gestões antigas da DELPE, optei em atender todos os *campi* da UFES, a saber: Goiabeiras e Maruípe, em Vitória/ES, Centro Universitário do Norte do Espírito Santo, o CEUNES, em São Mateus/ES e o Campus Alegre, na cidade de Alegre/ES, no sul do estado, promovendo ações de esporte e lazer para os servidores, estudantes e comunidade, com vistas a fortalecer o tripé ensino, extensão e pesquisa. Dentre os projetos realizados posso elencar:

- Programação de Acolhimento primeiro semestre letivo de 2022

Para marcar a retomada ao ensino presencial, durante as três semanas de acolhimento, tanto os estudantes quanto os servidores puderam participar de oficinas de ginástica, oficina de tecido acrobático, oficina de pole dance, além de participar de uma vivência no recém-inaugurado parque de aventura da UFES, com atividades de arvorismo e tirolesa.

- Semana do Servidor de 2022 e Copa dos trabalhadores da UFES em 2023

A Semana do Servidor, promovida pela Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP) em parceria com os demais setores da UFES, voltou ao formato presencial em 2022, tendo em vista que nos anos anteriores foi realizada de modo remoto em virtude da pandemia do coronavírus. A programação ocorreu nos três *campi* da UFES entre os dias 26/11 a 11/11 de 2022. A DEL participou com o oferecimento de vivência no Parque de Aventura do Centro de Educação Física e Desportos nos dias 09 e 11 de novembro - arvorismo e tirolesa. Foram ofertadas, ao todo, 90 vagas para que servidores de Maruípe e Goiabeiras pudessem conhecer e participar dessas atividades.

Já na Semana do Servidor 2023 a DEL colaborou com a organização da Copa dos Trabalhadores da UFES 2023, com o intuito de comemorar o Dia do Servidor Público e promover o bem-estar, a saúde, o lazer e a integração dos servidores, trabalhadores terceirizados e seus familiares.

No Campus de Alegre a Copa dos Trabalhadores aconteceu no dia 24 de outubro e contou com 36 inscritos. Infelizmente houve uma baixa adesão nas modalidades de basquetebol e Handebol, desta forma foram realizados apenas jogos de futsal, queimada e voleibol.

No Campus de São Mateus a Copa dos Trabalhadores aconteceu no dia 31 de outubro com 28 inscritos. Em São Mateus as modalidades de basquetebol, Handebol e queimada tiveram baixa adesão, por isso foram realizados apenas jogos de futsal e voleibol.

Em Vitória/ES, a Copa aconteceu no Campus de Goiabeiras nos dias 21 de outubro e 11 de novembro e contou com 238 inscritos. É válido ressaltar que, embora houve um bom número de inscritos, somente 52 pessoas participaram devido uma mudança de data na realização das provas, por motivos de força maior, e grande parte dos inscritos não pode participar.

Como foi a 1ª edição da Copa dos Trabalhadores da UFES, pensei que no ano seguinte a participação poderia ser ampliada, mas isso não aconteceu, como explicarei adiante.

- Projeto “Ginástica para a Comunidade”

O projeto foi implementado com o objetivo de oferecer atividade física regular, auxiliar os participantes na prevenção e combate às doenças relacionadas ao excesso de peso e obesidade, diabetes, hipertensão e demais cardiopatias, por meio de aulas de ginástica para todos, dança e de consciência corporal. Além disso, dar oportunidade para que o(a) bolsista, estudante de educação física, vivenciasse a prática dos conhecimentos teóricos/

práticos aprendidos durante a formação acadêmica e de aproximar a comunidade em geral da Universidade. As aulas aconteciam no Centro de Educação Física e Desportos das UFES, às terças e quintas-feiras, sendo uma turma com início às 16h e outra com início às 17h. O público atendido era de 50 participantes por turma e funcionou durante os anos de 2022 e 2023.

- Projeto de Extensão “Água Viva”

O Projeto de extensão Água Viva está registrado no portal de projetos da UFES sob o nº 467. Encontra-se ativo desde o ano de 2010, sempre coordenado por mim, e teve início quando me tornei coordenadora de extensão do CEFD e havia necessidade em atender a comunidade com aulas de natação e hidroginástica para todas as faixas etárias.

As atividades sempre ocorreram no parque aquático do CEFD e na época da DEL eu contava com a supervisão e coordenação do servidor, Jefferson Muniz Tonini, e a atuação de três bolsistas, estudantes do curso de educação física.

O projeto atende em média 120 pessoas, entre comunidade interna - discentes, técnicos-administrativos e docentes e externa (população em geral).

- Projeto Ginástica Laboral

O projeto “Ginástica Laboral” foi uma parceria entre a Diretoria de Esportes e Lazer e a Universidade Promotora da Saúde e atendia aos servidores da universidade com a prática regular de exercícios leves baseada em técnicas de alongamento, respiração, percepção corporal, reeducação postural e compensação dos músculos. O projeto contava com a atuação de uma bolsista do curso de fisioterapia que visitava cada unidade administrativa uma vez por semana e atendia aproximadamente 91 servidores em 14 unidades administrativas do campus Goiabeiras da UFES.

Projeto “Corrida e Caminhada Orientada”

Era uma parceria entre a Diretoria de Esportes e Lazer e a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e oferecia caminhadas e/ou corridas regulares orientadas por um bolsista do curso de Educação Física para os servidores da universidade, a fim de contribuir para melhoria da saúde física e mental.

- Copa dos Estudantes da UFES

Em 2023 a Copa dos Estudantes da UFES foi organizada pela Atlético Central e Diretório Central dos Estudantes em parceria com a Diretoria de Esportes e Lazer e foi realizada entre os 6 de maio e 9 de julho, sendo que os jogos aconteceram somente aos sábados e domingos. Nesta edição foram disputadas nove modalidades, a saber: futsal, vôlei, basquete, handebol, atletismo, natação, queimada, xadrez e League of Legends (LoL), que pertence ao rol dos e-sports. A premiação do evento foi concedida pela Secretaria Estadual de Esportes e Lazer (SESPORT) e consistiu em troféus para os três primeiros colocados em cada modalidade. Participaram do evento alunos de graduação, pós-graduação e egressos da UFES. Ao todo foram 1186 inscritos que representaram equipes dos cursos de Administração, Agronomia (CEUNES), Arquitetura e Urbanismo, Biologia, Ciências da Computação, Ciências Contábeis, Ciências Sociais, Comunicação Social, Design, Direito, Economia, Bacharelado em Educação Física, Licenciatura em Educação Física, Engenharia Civil, Engenharia da Computação (CEUNES), Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Farmácia, Filosofia, Física, Física (CEUNES), Fisioterapia, Gemologia, Geografia, História, Matemática, Medicina, Nutrição, Odontologia, Psicologia, Química, Serviço Social, além de uma delegação

unificada, representando os diversos cursos do CEUNES. Os inscritos estavam agrupados de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 1 – Inscritos por modalidade na Copa dos Estudantes da UFES em 2023.

MODALIDADE ESPORTIVA	NÚMERO DE INSCRITOS
Xadrez	29
Natação 50 metros livre masculino	27
Natação 100 metros livre masculino	14
Natação revezamento masculino	20
Natação 50 metros livre feminino	20
Natação 100 metros livre feminino	14
Natação revezamento feminino	12
Atletismo 100 metros rasos masculino	17
Atletismo 400 metros rasos masculino	13
Atletismo revezamento masculino	12
Atletismo 100 metros rasos feminino	10
Atletismo 400 metros rasos feminino	6
Futsal masculino: 32 equipes (5 jogadores)	320
Futsal feminino: 10 equipes (5 jogadoras)	100
Voleibol masculino: 8 equipes (6 jogadores)	64
Voleibol feminino: 14 equipes (6 jogadoras)	112
Handebol masculino: 8 equipes (7 jogadores)	72
Handebol feminino: 8 equipes (7 jogadoras)	72
Basquetebol masculino: 9 equipes (5 jogadoras)	63
Basquetebol feminino: 5 equipes (5 jogadoras)	35
Queimada: 10 equipes mistas	150
<i>E-sports (League of Legends)</i>	15
TOTAL DE INSCRITOS	1197

Fonte: Relatório da Diretoria de esporte e lazer da Pró-reitoria de extensão (DEL/UFES). Disponível em: [relatorio_compressed.pdf](#). Acesso em: 11 nov. 2024.

- Sábados de esporte e lazer na UFES (SELU)

Esse projeto foi o que se tornou o símbolo da DEL e teve início em 2022 e até hoje ainda está em andamento.

Ele se consolida como uma ação de cunho extensionista, com intervenções formativas e práticas, no âmbito do lazer. A metodologia de trabalho pautada na (re)criação comunitária (MARCELLINO, 2013), permite dizer que todos os envolvidos devem se sentir sujeitos do processo de construção e elaboração do desenvolvimento das atividades, responsabilidades e possíveis avanços que virão acontecer no momento da realização do projeto. Diferente de propostas mais usuais de intervenção em eventos dessa natureza que ainda se encontram dentro da perspectiva do lazer funcional (MARCELLINO, 2013). Essa ação diferenciada permite que todo(a)s (coordenadora, estudantes do estágio, agentes comunitários de cultura e lazer e a comunidade atendida) possam discutir, propor e planejar os subsídios teóricos e metodológicos das ações. Sendo assim, o objetivo é

promover um planejamento dentro da perspectiva crítica do lazer-educação, que contemple a prática do lazer de forma crítica, criativa, lúdica e transformadora, mas também uma melhor capacitação dos futuros professores de educação física e áreas afins, possibilitando a reflexão de suas próprias ações e a oportunidade para vislumbrarem novas formas de intervenções. Nesse sentido, a participação no projeto prevê a capacitação dos estudantes da disciplina “Estágio Supervisionado em Educação Física e Lazer” e de jovens lideranças comunitárias que podem atuar no projeto em conjunto. Desse modo a metodologia adotada é de realizar, primeiramente, um edital de seleção dos interessados em participar dos cursos de capacitação e, a data de tal seleção geralmente ocorre no início dos semestres letivos da UFES. Em seguida, são realizados os cursos de capacitação, de forma híbrida, para os selecionados pelo edital juntamente com os estudantes da disciplina do estágio. Após o curso e de uma atividade impacto organizada como uma etapa de culminância da formação, que é um evento dos Sábados de esporte e lazer (SELU) promovido nas dependências do Centro de Educação Física e Desportos da UFES, campus Goiabeiras (CEFD/UFES), ou em outro *campi* da UFES, se dá continuidade ao acompanhamento dos desdobramentos da atividade impacto propondo novos eventos.

As capacitações são realizadas em locais diferentes, para atender a necessidade de composição de equipes de trabalho nos três *campi* da UFES, e englobam o estudo de textos sobre lazer e esporte de participação e da realização de planejamentos voltados para as ações a serem desenvolvidas no projeto. O aprofundamento de estudos sobre a produção do conhecimento e metodologias de intervenção acerca do lazer comunitário no contexto universitário brasileiro vão no sentido de ampliar as possibilidades de experiências no âmbito acadêmico compartilhando experiências e reflexões acerca do acesso aos diferentes interesses culturais no tempo livre. Assim, é almejado dar subsídios teórico-práticos para a organização coletiva e desenvolvimento de eventos que possibilitem vivências significativas para a constituição de vínculos, sentimento de pertencimento, exercício político/comunitário, solidário e cidadão. Assim, o objetivo geral da formação de agentes comunitários de cultura e lazer é de apresentar os conhecimentos sobre o lazer e o esporte de participação, bem como de metodologias de intervenção acerca do lazer comunitário a partir da realização de uma atividade de impacto em uma das localidades onde estão os *campi* da UFES. Como objetivos específicos se enseja que os participantes conheçam os principais conceitos sobre o fenômeno do lazer; consigam articular a fundamentação teórica sobre os principais temas relacionados à temática: Lazer, esporte e universidade com as possibilidades de intervenções; que possam discutir, desenvolver e propor conteúdos ligados aos interesses culturais formando parte da equipe de trabalho do “Projeto Sábados de Esporte e Lazer na UFES”.

Do ponto de vista metodológico o curso é realizado de forma híbrida prevendo encontros remotos síncronos, atividades assíncronas e encontros presenciais.

A avaliação do curso e da atividade impacto é por meio do acompanhamento da frequência; apresentação de propostas de intervenção; execução das atividades propostas e auto avaliação.

As ações tem seus registros realizados de forma fotográfica, filmagens e anotações em diários de campo, que contemplam a descrição do dia-a-dia e situações que resultam em subsídios para formação e desenvolvimento dos estudantes e agentes comunitários de cultura e lazer fortalecendo a atuação no campo do lazer em uma perspectiva reflexiva.

A avaliação do projeto é processual tanto no que se refere ao aspecto formativo, tanto no participativo por parte da comunidade atendida.

No aspecto formativo prevê-se avaliações de caráter dialógico no qual os agentes

comunitários de cultura e lazer, estudantes e coordenadora do projeto avaliam o processo de planejamento e execução das ações.

No aspecto participativo o projeto é avaliado por meio de formulários que são respondidos pela comunidade atendida nos quais são analisados o tipo de atendimento nas atividades, se as atividades contemplam as aspirações comunitárias e se os equipamentos atendem adequadamente o público. Também é feita a estimativa de público e atendimentos em cada edição do evento.

Os eventos são organizados de acordo com os perfis dos agentes culturais comunitários de cultura e lazer, dos estudantes de estágio e da população atendida e, geralmente, oferecem as seguintes atividades por *campi*:

Campus Goiabeiras: oficinas de pole dance, tecido acrobático, *stiletto*, dança afro, dança sênior, coreografia anos 90, alongamento, acroyoga, matroginástica (ginástica pais e filhos), ginástica artística e ginástica para todos, judô, *e-sports*, cinema no Cine Metrópolis e visitas à Galeria de Arte da UFES (parceria com a Secretaria de Cultura da UFES), visitas ao Museu da Vida, *karaokê*, recreação infantil, pintura de rosto, malabarismo, escultura em balões, furingo e altinha, atletismo, feira solidária, *slackline* e atividades no parque de aventura - tirolesa e paredão de escalada, atividades aquáticas, entre outras. Para dar conta dos atendimentos em média são contratados e pagos 25 agentes comunitários de cultura e lazer e contamos, em geral, com uma média de 17 estudantes da disciplina obrigatória *Estágio Supervisionado em Educação Física e Lazer*, bolsistas da DEL e do CEFD e seis pessoas da coordenação geral do projeto, totalizando uma média entre 50 a 70 pessoas que trabalham por edição.

Campus São Mateus: oficina de lira acrobática, atividades circenses com malabarismo, pintura de rosto, arteterapia, brincadeiras e recreação infantil, furingo e altinha, vôlei, *kendô*, forró, capoeira, atividades para a melhor idade e práticas de aventura da natureza com *slackline*, falsa baiana e tirolesa. Os eventos contam com o apoio do curso de Educação Física, da Universidade do Vale do Cricaré (UNIVC), no atendimento do público. A Univc também, por meio do curso de Fisioterapia, e os estudantes do CEUNES do curso de enfermagem, oferecem um estande de cuidados com a saúde. A equipe que atua nos eventos na cidade de São Mateus engloba em torno de 40 pessoas divididas em média com 20 agentes comunitários de cultura e lazer (remunerados), 15 estudantes de estágio e seis pessoas da coordenação geral do projeto.

Campus Alegre: as atividades englobam minivoleibol e handebol, minicircuito de aventura (*slackline* e falsa baiana), tecido acrobático, *yoga*, *jiu-jitsu* e defesa pessoal, aula de ritmos, forró, partida de voleibol, atividades para público infantil com pintura de rosto, pintura de desenhos com giz de cera, escultura em balão, contação de história e recreação. Além das atividades de esporte e lazer, também são organizados o estande da nutrição com teatro de fantoches, confecção de pratos com réplica de alimentos e “pescaria saudável”, estande de cuidados com a saúde com aferição de pressão arterial, estande da farmácia com orientações sobre o uso, armazenamento e descarte de medicamentos e com a feira agroecológica. A equipe que atende esses eventos tem em torno de 20 agentes comunitários de cultura e lazer (remunerados), 11 voluntários, uma servidora do campus de Alegre, 15 estudantes de estágio e seis pessoas da equipe de coordenação do projeto. Abaixo o quadro 2, com as datas dos eventos, *campi* e número de participantes.

Quadro 2 – Eventos realizados nos anos de 2022, 2023 e 2024.

CAMPI	DATAS	Nº DE PARTICIPANTES
Goiabeiras	28/05/2022	500
	25/06/2022	370
	22/10/2022	500
	27/05/2023	500
	01/07/2023	300
	21/10/2023	500
	11/11/2023	100
	27/04/2024	600
	14/09/2024	500
Alegre	06/08/2022	150
	05/11/2022	230
	06/05/2023	250
	30/09/2023	400
	21/09/2024	500
São Mateus	09/07/2022	30
	18/03/2023	200
	20/05/2023	300
	07/10/2023	500
	28/09/2024	500

Fonte: Da Autora

Os eventos são divulgados nas mídias e redes sociais da UFES:

<https://proex.ufes.br/conteudo/vem-ai-primeira-edicao-do-sabado-de-esportes-e-lazer-na-ufes#overlay-context=conteudo/vem-ai-primeira-edicao-do-sabado-de-esportes-e-lazer-na-ufes>

<https://proex.ufes.br/conteudo/projeto-sabado-de-esporte-e-lazer-chega-no-campus-de-sao-mateus>

<https://proex.ufes.br/conteudo/vem-ai-edicao-com-tematica-junina-do-sabado-de-esportes-e-lazer-na-ufes-0>

<https://proex.ufes.br/programacao-e-agendamento>

Tivemos também a divulgação por meio de uma chamada ao vivo no Jornal ESTV, da Rede Gazeta, no dia 27 de maio de 2022, para a 1ª edição do Sábado de esporte e lazer, conforme link abaixo:

<https://globoplay.globo.com/v/10614938/>

O projeto teve uma excelente repercussão no campus de Goiabeiras e as 1ª e 3ª edições em 2022 contaram com entradas ao vivo no Jornal ESTV, da Rede Gazeta, conforme os links abaixo:

reportagem da 1ª edição: <https://globoplay.globo.com/v/10617685/>

reportagem da 2ª edição: [estv 1ª edição | sábado de esporte e lazer para as crianças na ufes | globoplay](https://globoplay.globo.com/v/10617685/)

A divulgação dos eventos em 2023 e 2024 foi feita, majoritariamente, de forma virtual pelo Instagram da Proex: <https://www.instagram.com/proex.ufes/> e por meio da página da Proex/UFES e da página da UFES, conforme links abaixo:

<https://proex.ufes.br/conteudo/nova-edicao-do-sabado-de-esporte-e-lazer-em-guriri>

<https://www.ufes.br/conteudo/sao-mateus-recebe-edicao-de-projeto-de-esporte-e-lazer-neste-sabado-18>

<https://www.ufes.br/conteudo/atividades-de-danca-esporte-e-lazer-agitam-o-campus-de-sao-mateus-neste-sabado-20>

<https://proex.ufes.br/conteudo/sabado-de-esporte-e-lazer-de-volta-ao-campus-de-goiabeiras>

<https://www.ufes.br/conteudo/fim-de-semana-com-atracoes-culturais-e-esportivas-gratuitas-no-campus-de-goiabeiras>

<https://proex.ufes.br/conteudo/mais-uma-edicao-do-sabado-de-esporte-e-lazer-em-goiabeiras>

<https://www.ufes.br/conteudo/atividades-culturais-e-esportivas-movimentam-campus-de-goiabeiras-neste-sabado-1o>

<https://www.ufes.br/conteudo/atividades-de-esporte-e-lazer-movimentam-o-campus-de-alegre-neste-sabado-30>

<https://proex.ufes.br/conteudo/projeto-sabado-de-esporte-e-lazer-encerra-semana-da-jornada-confira-programacao-completa>

<https://www.ufes.br/conteudo/sabado-de-esporte-e-lazer-encerra-semana-do-conhecimento-nos-campi-de-vitoria>

<https://www.ufes.br/conteudo/atividades-gratuitas-de-esporte-e-lazer-neste-sabado-11-no-campus-de-goiabeiras>

Do ponto de vista orçamentário esse projeto iniciou-se com uma doação da Pró-reitoria de extensão de R\$ 7.500,00, em 2022, e contou ainda com a ajuda de R\$ 12.000,00 da reitoria da UFES e um doação de R\$ 4.000,00 de um empresário de São Mateus para a realização do evento na Praia do Bosque, em Guriri, São Mateus/ES.

No final de 2022 concorri ao 1º Edital Universal de extensão, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), e fui contemplada recebendo R\$ 50.000,00 para investir no projeto em 2023.

Em 2024 concorri ao 2º Edital Universal de extensão da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) e novamente fui contemplada com o aporte de R\$ 80.000,00 sendo que parte desse dinheiro foi investido nas ações de 2024 e ainda resta outra parte do financiamento para a continuação do projeto em 2025.

Embora o *Projeto Sábados de esporte e lazer na UFES* seja um sucesso atendendo milhares de pessoas nesses últimos anos e a DEL tenha se mostrado como uma das diretorias mais ativas e queridas da última gestão central da UFES, com a troca da reitoria, no início de 2024, foi cogitada sua mudança de setor para ficar, à princípio, lotada na Secretaria de Cultura da UFES. Essa possibilidade foi descartada por mim, com a prerrogativa que o esporte e lazer tem sua própria especificidade e necessita ser independente de outros setores. Em um segundo momento, cogitou-se transferir a DEL e transformá-la em uma Coordenadoria de Esporte e lazer, para ficar subordinada ao Gabinete do reitor, alegando que ela estaria “fora de lugar” na Proex. Ainda de acordo com os novos gestores eleitos, as ações de esporte e lazer vão além de projetos de extensão e que se deveria pensar em uma política de esporte e lazer para a UFES.

Posso dizer que o meu maior desejo sempre foi o de organizar debates e implementar, de forma democrática, uma política de esporte e lazer para a UFES, mas diante do contexto no qual eu me encontrava como gestora, não havia como emplacar uma política sem as pessoas saberem o potencial que ela tem. Ou seja, escolhi uma estratégia para que o esporte e lazer pudesse ser valorizado na Universidade e que ele se tornasse um “bem público” demandado pelos servidores e estudantes, bem como pelas comunidades adjacentes dos *campi* da UFES. Penso que consegui sensibilizar muitas pessoas, mas não consegui convencer a nova gestão da reitoria sobre a importância do esporte e lazer e, assim, em julho fui comunicada que a Diretoria de esporte e lazer seria extinta. O processo de encerramento do setor já havia se iniciado com minha exoneração do cargo ao final de junho e, infelizmente, eu já havia esgotado os diálogos e pedidos de apoio à continuidade dos trabalhos da DEL para diversos gestores da UFES.

Nesse momento, em que escrevo o memorial, novembro de 2024, afirmo que não me arrependo de nada que fiz pois fiz o melhor que pude e consegui ir além das expectativas que eu tinha para essa responsabilidade que me foi atribuída em setembro de 2020. Desejo muito que um dia a UFES retome o setor de esporte e lazer e que possa atender de forma digna o(a)s estudantes, servidore(a)s e as comunidades.

Abaixo elenco os frutos acadêmicos do *Projeto Sábados de esporte e lazer na UFES*

Projeto de pesquisa

Sábados de esporte e lazer na UFES – A ação comunitária como estratégia de mobilização social por meio da ludicidade

Orientação de Iniciação científica

Anna Júlia Moraes Lovati. **Sábados de esporte e lazer na UFES: o perfil dos agentes comunitários de cultura e lazer**. 2022. Iniciação científica (Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo

Projeto de ensino

2022 - 2023 Ações educativas pelo e para o lazer - projetos de intervenção e pesquisa

Trabalhos publicados em anais de eventos

SILVA, Paula Cristina da Costa; LOVATTI, A. J. M. Projeto sábados de esporte e lazer: perfil dos seus profissionais. In: XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2023, Fortaleza. **Anais ...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2023, v.1, p.1 – 3

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria improvável chegar nesse ponto do memorial sem mencionar que enquanto escrevia me emocionei em muitos momentos. Fazendo o balanço das realizações que construí durante minha vida profissional vejo que tive muitos acertos e isso me faz sentir orgulhosa. Às vezes eu penso que poderia ter feito mais ou melhor, mas a vida é feita de acordo com o contexto social e emocional que vivemos. Embora a gente queira controlar os acontecimentos há coisas que são impossíveis de prever e, assim, demonstramos nossa humanidade porque “*Viver é muito perigoso*”, como escreveu Guimarães Rosa.

Embora o fazer docente no ambiente acadêmico seja extenuante, as realizações em prol da educação e desenvolvimento humano superam a sobrecarga de trabalho e me impulsiona a continuar. Quando menciono a sobrecarga de trabalho me refiro não só a mim, mas a maioria dos docentes que compõe o Departamento de Ginástica e que colabora para que o CEFD seja um polo de referência da Educação Física no Brasil. Fundado em 1931, é considerado o curso de Educação Física civil mais antigo do país. Sua infraestrutura é invejável se comparado a outras escolas de ensino superior de Educação Física. Talvez o leitor(a) tenha tido uma dimensão da potência desse espaço formativo pela minha narrativa. Penso que essa situação possa ser um “motor” que faz com que trabalhem tanto pois temos a dimensão da história da qual fazemos parte.

Tenho como horizonte seguir nos afazeres da docência, buscarei equilibrar melhor minha tarefa como professora pesquisadora e extensionista, pois analisando o que venho fazendo tenho me dedicado em demasia ao meu lado extensionista. Tentar me dedicar mais às pesquisas pode ser um bom legado a ser deixado para as novas gerações, visando fazer da área da Educação Física um espaço mais humanizado, sem perder sua abordagem lúdica. Finalizo com as palavras de Paulo Freire (1987):

Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens (e mulheres) fazem no mundo, com o mundo e com os outros.

6. REFERÊNCIAS

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

AYOUB, Eliana; CEZARONI, Ieda Maria; REZENDE, Marilda Aparecida; PANTAROTTO, Marilise Deltreggia; SILVA, Paula Cristina da Costa; ANJOS, Roselene dos. A Educação Física na formação em Pedagogia: interfaces no cotidiano da escola In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009, Salvador. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, 2009, p. 01 -12. Disponível em: [Ayoub](#). Acesso em 30 out. 2024.

_____. Ginástica Geral na formação em pedagogia: compartilhando experiências In: V Fórum Internacional de Ginástica Geral, 2010, Campinas. **Anais do V Fórum Internacional de Ginástica Geral**, Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2010, v.5, p.315 - 320

_____. Fios tecidos a muitas mãos: sobre educação física escolar e formação de professores In: **Entrelugares do corpo e da arte**. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2011, v.1, p. 81 - 100.

BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12^a. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BETRÁN, J. O. BETRÁN, A.O. La crisis de la modernidad y el advenimiento de la posmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ocio activo. **APunts**, Barcelona, Espanha, v. 41, n. 3, p.10-29. 1995. Disponível em: https://hemeroteca.revista-apunts.com/apunts/articulos/41/es/041_010-029_es.pdf. Acesso em: 10 de nov. 2020.

BRASIL. Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Disponível em: [Decreto nº 7234](#). Acesso em: 10 nov. 2024.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. 3 ed., São Paulo: Brasiliense, 1992.

COLÉGIO Brasileiro de Ciências do Esporte. Disponível em: [CBCE](#). Acesso em: 06 nov. 2024.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Springer Science & Business Media, 1985.

_____. The “What” and “Why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, n. 11, v. 4, p. 227–268, 2000.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e educação**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Capacitação de animadores socioculturais**. 2ª ed. Universidade Estadual de Campinas; Ministério do Esporte, 2013.

_____. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. Pressupostos de ação comunitária - estruturas e canais de participação. In: **Capacitação de animadores sócio-culturais**. Campinas: UNICAMP – Faculdade de Educação Física – Departamento de Estudos do Lazer, Brasília: MED - SEED - PFDC, 1994.

MARINHO, A. **Atividades físicas e esportivas e meio ambiente**. Disponível em: [file:///C:/Users/Sabri/Downloads/Atividades-F%C3%ADsicas-e-Esportivas-e-Meio-Ambiente_Marinho%202017%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Sabri/Downloads/Atividades-F%C3%ADsicas-e-Esportivas-e-Meio-Ambiente_Marinho%202017%20(1).pdf). Acesso em: 18 set. 2021.

PIRES, Giovani de Lorenzi; SILVEIRA, Juliano. Esporte educacional ... existe? Tarefa e compromisso da Educação Física com o esporte na escola. In: SILVA, Mauricio Roberto (org.). **Esporte, Educação, Estado e Sociedade**. Chapecó: Argus, p. 23 – 38, 2007.

POMAR, Valter. Governo democrático-popular em Campinas. Disponível em: [Valter Pomar: Governo democrático-popular em Campinas em Campinas, 10 anos depois](#). Acesso em 29 out. 2024.

PROJETO Pedagógico do Curso de Licenciatura do Centro de Educação Física e Desportos. Anexo da Resolução no. 69/2007 do CEPE. Disponível em: [ANEXO DA RESOLUÇÃO Nº 69/2007 - CEPE](#). Acesso em: 04 nov. 2024.

PROJETO Político Pedagógico do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede (PROEF). 2023. Disponível em: [1ppp-2ed-proef2023-atualizado.pdf](#). Acesso em: 09 nov. 2024.

ROSA, José Guimarães. **Grande sertão**: veredas.

SILVA, Ana Márcia. Entre o corpo e as práticas corporais. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v.10, n.1, p.5-20, jan/jun 2014.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelsa Zulke; VARJAL, Elisabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.